ANEXOS

- A Sociedade (Secreta) Fabiana e os Casais Webb
- Malcolm Muggeridge
- O filho, John Muggeridge e sua esposa Anne Roche
- Relações de Dom Williamson e Malcolm Muggeridge

A Sociedade (Secreta) Fabiana e os Casais Webb

2.1.1 A Sociedade Fabiana

2.1.1.1 Origem da Fabian Society

http://foster.20megsfree.com/314.htm

1844: Nascimento em Brighton do escritor socialista e reformista Edward Carpenter, que injetará o paganismo no movimento socialista inglês (Liga Socialista, Comunidade da Nova Vida, da qual surgiu a famosa Fabian Society). Para Carpenter, o socialismo deve levar os povos a reencontrar uma vida livre, primitiva, simples, saudável e moral, baseada nas ideias de Whitman, Thoreau e Tolstói. Em 1883, Carpenter funda uma "comunidade auto-suficiente" em Millthorpe, entre Sheffield e Chesterfield. Sua obra principal data de 1889 (e se intitula: *Civilisation: Its Cause and Cure*). Nela, ele reclama, entre outras coisas, o retorno das divindades femininas e apaziguadoras (Astarté, Diana, Ísis, etc.). Carpenter faleceu em 1929, após ter exercido uma influência duradoura sobre os movimentos socialistas e pré-ecológicos.

2.1.1.2 História

http://en.wikipedia.org/wiki/Fabian_Society

A **Fabian Society** é um movimento intelectual socialista britânico, cujo propósito é promover a causa socialista por meios gradualistas e reformistas, em vez de por meios revolucionários. Famosa pelo seu trabalho inovador que começou no final do século XIX e continuou até a Primeira Guerra Mundial. A sociedade lançou muitos dos fundamentos do Partido Trabalhista durante esse período; posteriormente, influenciou as políticas das recém-independentes colônias britânicas, especialmente Índia, e ainda existe hoje, como uma das 15 sociedades socialistas afiliadas ao Partido Trabalhista. Sociedades semelhantes existem na Austrália (a Australian Fabian Society), no Canadá (a Douglas-Coldwell Foundation e no passado a League for Social Reconstruction) e na Nova Zelândia.

História

A sociedade foi fundada em 4 de janeiro 1884 em Londres como um ramos de uma sociedade fundada em 1883 chamada The Fellowship of the New Life. Os membros da Fellowship incluíam

poetas Edward Carpenter e John Davidson, o sexólogo Havelock Ellis e o futuro secretário fabiano, Edward R. Pease. Eles queriam transformar a sociedade criando um exemplo de vida limpa e simplificada para outros seguirem. Mas quando alguns membros também desejavam se envolver politicamente para ajudar na transformação da sociedade, foi decidido que uma sociedade separada, a Fabian Society, também deveria ser criada. Todos os membros eram livres para frequentar ambas as sociedades.

A Fellowship of the New Life se desfez em algum momento no início da década de 1890, mas a Fabian Society cresceu para se tornar a sociedade intelectual preeminente no Reino Unido durante a era eduardiana.

Imediatamente após sua fundação, a Fabian Society começou a atrair muitos intelectuais atraídos pela sua causa socialista, incluindo George Bernard Shaw, H. G. Wells, Annie Besant, Graham Wallas, Hubert Bland, Edith Nesbit, Sydney Olivier, Oliver Lodge, Leonard Woolf e Emmeline Pankhurst. Até mesmo Bertrand Russell se tornaria membro mais tarde. Os dois membros John Maynard Keynes e Harry Dexter White foram delegados à Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas em 1944.

No núcleo da Fabian Society estavam Sidney e Beatrice Webb. Juntos, escreveram numerosos estudos sobre a Grã-Bretanha industrial, economias alternativas aplicadas ao capital, assim como à terra. Sua admiração posterior pela Rússia soviética decorreu parcialmente da "eficiência" de Stalin em adquirir essas rendas.

O grupo, que favoreceu mudanças graduais em vez de mudanças revolucionárias, foi nomeado — por sugestão de Frank Podmore — em honra ao general romano Quintus Fabius Maximus (apelidado de "Cunctator", que significa "o Atrasador"). Ele defendia táticas envolvendo assédio e guerra de atrito, em vez de batalhas de frente contra o exército cartaginês sob o renomado general Aníbal Barca.

Os primeiros panfletos da Fabian Society foram escritos para pressionar por um salário mínimo em 1906, pela criação do Serviço Nacional de Saúde em 1911 e pela abolição dos nobres hereditários em 1917 (Fabian Society).

Os socialistas fabianos eram críticos do livre comércio e abraçaram o protecionismo em interesse de proteger o reino da competição estrangeira.

Os fabianos também favoreciam a nacionalização da terra, acreditando que as rendas coletadas pelos proprietários de terras eram não conquistadas, uma ideia que se baseava fortemente no trabalho do economista americano Henry George.

Muitos fabianos participaram da formação do Partido Trabalhista em 1900, e a constituição do grupo, escrita por Sidney Webb, emprestou fortemente dos documentos fundacionais da Sociedade Fabiana. Na Conferência de Fundação do Partido Trabalhista em 1900, a Sociedade Fabiana reivindicou 861 membros e enviou um delegado.

No período entre as duas Guerras Mundiais, os "Fabianos da Segunda Geração", incluindo os escritores R. H. Tawney, G. D. H. Cole e Harold Laski, continuaram a ser uma grande influência no pensamento social-democrata.

Foi nessa época que muitos dos futuros líderes do Terceiro Mundo foram expostos ao pensamento fabiano, notavelmente o indiano Jawaharlal Nehru, que posteriormente definiu a política econômica para um quinto da humanidade nos moldes social-democratas fabianos. Um fato pouco conhecido é que o fundador do Paquistão, o advogado Muhammad Ali Jinnah, foi um ávido membro da Sociedade Fabiana no início dos anos 1930. Lee Kuan Yew, o primeiro Primeiro-Ministro de Cingapura, afirmou em suas memórias que sua filosofia política inicial foi fortemente influenciada pela Sociedade Fabiana. No entanto, ele mais tarde alterou suas opiniões, acreditando que o ideal fabiano de socialismo era muito impraticável.

Legado

Ao longo do século 20, o grupo sempre foi influente nos círculos do Partido Trabalhista, com membros como Ramsay MacDonald, Clement Attlee, Anthony Crosland, Richard Crossman, Tony Benn, Harold Wilson e, mais recentemente, Tony Blair e Gordon Brown. O falecido Ben Pimlott foi seu presidente na década de 1990. (Um Prêmio Pimlott para Escrita Política foi organizado em sua memória pela Sociedade Fabiana e pelo The Guardian em 2005 e continua anualmente). A Sociedade está afiliada ao Partido como uma sociedade socialista. Nos últimos anos, o grupo dos Jovens Fabianos, fundado em 1960, tornou-se uma organização importante de rede e discussão para ativistas mais jovens (com menos de 31 anos) do Partido Trabalhista e desempenhou um papel na eleição de Tony Blair como líder trabalhista em 1994. Após um período de inatividade, os Jovens Fabianos Escoceses foram reformados em 2005.

O relatório anual de 2004 da sociedade mostrou que havia 5.810 membros individuais (70 a menos que no ano anterior), dos quais 1.010 eram Jovens Fabianos, e 294 assinantes institucionais, dos quais 31 eram Partidos Trabalhistas de Constituência, sociedades cooperativas ou sindicatos, 190 eram bibliotecas, 58 corporativas e 15 outras—totalizando 6.104 membros. Os ativos líquidos da sociedade eram £86.057, sua receita total foi £486.456 e sua despesa total foi £475.425. Houve um superávit geral para o ano de £1.031.

A última edição do Dicionário de Biografia Nacional (uma obra de referência que lista detalhes sobre britânicos famosos ou significativos ao longo da história) inclui 174 fabianos.

Quatro fabianos, Beatrice e Sidney Webb, Graham Wallas e George Bernard Shaw, fundaram a London School of Economics com o dinheiro deixado para a Sociedade Fabiana por Henry Hutchinson. Supostamente, a decisão foi tomada em uma festa de café da manhã em 4 de agosto de 1894. Os fundadores estão retratados na Fabian Window 1 projetada por George Bernard Shaw. A janela foi roubada em 1978 e reapareceu em Sotheby's em 2005. Foi restaurada para exibição na Shaw Library na London School of Economics em 2006 em uma cerimônia presidida por Tony Blair 2.

Jovens Fabianos

Membros com menos de 31 anos também são membros dos Jovens Fabianos. Este grupo tem seu próprio presidente eleito e executivo e organiza conferências e eventos. Ele também publica a revista trimestral *Anticipations*. Os Jovens Fabianos Escoceses, uma ramificação escocesa do grupo, foram reformados em 2005.

Influência no governo trabalhista

Desde que o Trabalhista assumiu o poder em 1997, a Sociedade Fabiana tem sido um fórum para as ideias do Novo Trabalhista e para abordagens críticas de todo o partido. A contribuição fabiana mais significativa para a agenda política do Trabalhista em governo foi o panfleto de Ed Balls de 1992, que defendia a independência do Banco da Inglaterra. Balls tinha sido um jornalista do Financial Times quando escreveu esse panfleto fabiano, antes de ir trabalhar para Gordon Brown. O editor de negócios da BBC, Robert Peston, em seu livro *Brown's Britain*, chama isso de "um tratado essencial" e conclui que Balls "merece tanto crédito – provavelmente mais – do que qualquer outra pessoa pela criação do moderno Banco da Inglaterra"; [citado aqui; http://www.afsp.msh-paris.fr/archives/congreslyon2005/communications/tr4/wickham.pdf] Wlliam Keegan oferece uma análise semelhante do panfleto fabiano de Balls em seu livro sobre a política econômica do Trabalhista [3](http://politics.guardian.co.uk/bookshelf/story/0,,1041487,00.html "http://politics.guardian.co.uk/bookshelf/story/0,,1041487,00.html"), que traça em detalhe o caminho que levou a essa dramática mudança de política após a primeira semana do Trabalhista no poder.

A Comissão Tributária da Sociedade Fabiana de 2000 foi amplamente creditada 4 por influenciar a política e a estratégia política do governo trabalhista para seu um significativo aumento público de impostos: o aumento da Contribuição Nacional para arrecadar £8 bilhões para gastos do NHS. (A Comissão Fabiana, na verdade, havia pedido um 'imposto do NHS' 5 diretamente vinculado para cobrir o custo total dos gastos com o NHS, argumentando que vincular a tributação mais diretamente ao gasto era essencial para tornar o aumento de impostos aceitável publicamente. O aumento da Contribuição Nacional de 2001 não foi formalmente vinculado, mas o governo se

comprometeu a usar os fundos adicionais para gastos em saúde). Várias outras recomendações, incluindo uma nova alíquota máxima do imposto de renda, estavam à esquerda da política do governo e não foram aceitas, embora essa revisão abrangente da tributação no Reino Unido tenha sido influente em círculos econômicos e políticos 6

Veja também

- Departamento de Pesquisa Trabalhista
- Lista de grupos de reflexão do Reino Unido
- New Statesman Jornal
- Reformismo
- The New Age Jornal
- Young Fabians

Referências

1. ^ Comunicado de imprensa, "Uma peça da história Fabiana revelada na LSE," Arquivos da London School of Economics & Political Science 1 Último acesso em 23 de fevereiro de 2007
2. ^ Andrew Walker, "Inteligência, sabedoria e janelas", BBC News 2 Último acesso em 23 de fevereiro de 2007

Links externos

- Site oficial
- A História da Sociedade Fabiana por Edward R. Pease, seu secretário por 25 anos; do Project Gutenberg
- Catálogo dos arquivos da Sociedade Fabiana mantidos na London School of Economics

2.1.1.3 Símbolos da Sociedade Fabiana

http://www.freedom-force.org/freedomcontent.cfm?fuseaction=fabianwindow&refpage=issues

A JANELA DE VIDROS TÊNUE DA SOCIEDADE FABIANA
Atualizado em 22 de agosto de 2006



Esta é a janela de vitral da Beatrice Webb House em Surrey, Inglaterra, antiga sede da Sociedade Fabiana. Foi projetada por George Bernard Shaw e retrata Sidney Webb e Shaw atingindo a Terra com martelos para "MOLDÁ-LA MAIS PRÓXIMA DO DESEJO DO CORAÇÃO", uma linha de Omar Khayyam. Note o lobo em pele de ovelha no emblema Fabiano acima do globo. A janela agora está em exibição na London School of Economics (LSE), que foi fundada por Sydney e Beatrice Webb.

"A janela foi posteriormente roubada da casa em 1978", diz a arquivista da LSE, Sue Donnelly. "Ela apareceu em Phoenix, Arizona, logo depois, mas depois desapareceu novamente até que ressurgiu repentinamente em uma venda na Sotheby's em julho de 2005." A janela foi comprada pela Webb Memorial Trust e agora está em empréstimo para a LSE, onde é exibida na biblioteca Shaw da escola. Em abril de 2006, a janela foi oficialmente revelada em uma cerimônia com a presença do Primeiro-Ministro britânico Tony Blair, que é membro da Sociedade Fabiana. [1]



Os Fabianos eram originalmente um grupo elitista de intelectuais que formaram uma sociedade semi-secreta com o propósito de trazer o socialismo para o mundo. Enquanto os comunistas queriam estabelecer o socialismo rapidamente por meio de violência e revolução, os Fabianos preferiam fazê-lo lentamente por meio de propaganda e legislação. A palavra socialismo não deveria ser usada. Em vez disso, falariam sobre benefícios para o povo, como assistência social, cuidados médicos, salários mais altos e melhores condições de trabalho. Dessa forma, planejaram alcançar seu objetivo sem derramamento de sangue e até mesmo sem oposição séria. Eles escarneceram dos comunistas, não porque não gostassem de seus objetivos, mas porque discordavam de seus métodos. Para enfatizar a importância do gradualismo, adotaram a tartaruga

como o símbolo de seu movimento. Os três líderes mais proeminentes nos primeiros dias foram Sidney e Beatrice Webb e George Bernard Shaw. [2] Um vitral da Beatrice Webb House em Surrey, Inglaterra, é especialmente illuminante. Na parte superior aparece a última linha de Omar Khayyam:

Querido amor, poderíamos eu e tu conspirar com o destino
Para apreender este triste esquema das coisas inteiras,
Não o despedaçaríamos em pedaços, e então
Moldá-lo-íamos mais próximo do desejo do coração!



Abaixo da linha *Moldá-lo mais próximo do desejo do coração,* o mural retrata Shaw e Webb atingindo a terra com martelos. Na parte inferior, as massas se ajoelham em adoração a uma pilha de livros que defendem as teorias do socialismo. Ignorando as massas dóceis, H.G. Wells, que após deixar os Fabianos, os denunciou como "os novos maquiavélicos." O componente mais revelador, no entanto, é o emblema Fabiano que aparece entre Shaw e Webb. É um lobo em pele de ovelha!

REFERÊNCIAS[1] "Inteligência, sabedoria e janelas," por Andrew Walker, BBC News, 28 de abril de 2006: **http://news.bbc.co.uk/1/hi/magazine/4944100.stm.** Se o site original não responder, clique **aqui.**[2] *A Criatura da Ilha Jekyll; Um Segundo Olhar sobre o Federal Reserve* por G. Edward Griffin: **http://www.realityzone.com/creatfromjek.html.**

2.1.1.4 O "modelo Fabiano" apresentado por um site de esquerda

http://www.alencontre.org/archives/08/08-06.html

O modelo fabiano

Na Alemanha, por trás da figura de Lassalle, surge uma série de “socialismos” que se desenvolvem em uma direção que merece nosso interesse.

Os chamados socialistas acadêmicos (os socialistas das cátedras universitárias: *Kathedersozialisten*, uma corrente do establishment acadêmico) depositavam suas esperanças em Bismarck ainda mais abertamente do que Lassalle. Mas sua concepção de um socialismo de Estado não era, em princípios, muito distante da de Lassalle. A diferença é que este último se arriscava a promover um movimento de massa que partisse de baixo para implementar sua perspectiva; algo arriscado, pois uma vez desencadeado, esse movimento poderia escapar de suas mãos, como aconteceu várias vezes na história.

O próprio Bismarck não hesitou em apresentar suas medidas de política econômica paternalistas como uma espécie de socialismo. Livros foram escritos sobre o *"socialismo monárquico"* ou ainda o *"socialismo de Estado bismarckiano"...*

Movendo-se ainda mais à direita, chega-se ao "socialismo" de Friedrich List, em certa medida um proto-nazista, até alcançar círculos onde o anticapitalismo é uma forma de antissemitismo (E. Dühring, A. Wagner) que forjarão elementos do movimento que se qualificará de socialista sob Adolf Hitler. O elemento que une essa gama, além de todas as diferenças, consiste na concepção de um socialismo que equivale, em essência, a uma intervenção do Estado na vida econômica e social. Como dizia Lassalle: *"Estado, cuida das coisas."* Esse socialismo é característico de todo esse corrente.

É por essa razão que Schumpeter observa com precisão que o equivalente britânico do socialismo de Estado germânico é o socialismo de Sidney Webb, o "fabianismo".

Os fabianos (mais exatamente os webbianos) são, na história das ideias socialistas, a corrente socialista moderna que consumou de forma mais radical seu divórcio com o marxismo; são os que estão mais distantes do marxismo. Era um reformismo social-democrata quase quimicamente puro, sem qualquer mistura, especialmente antes da ascensão do movimento de massa e socialista na Grã-Bretanha, movimento que os fabianos não desejavam e que não ajudaram a construir (apesar de um mito muito difundido que afirma o contrário). Os fabianos, portanto, constituem uma experiência muito importante em comparação com outras correntes reformistas que pagaram seu tributo ao marxismo, adotando parte de sua linguagem, mas distorcendo-a em sua substância.

Os fabianos, claramente oriundos das classes médias em termos de sua extração social e de seu campo de influência, não queriam de forma alguma construir um movimento de massa e muito menos um movimento de massa fabiano.

Eles se viam como uma pequena elite de conselheiros intelectuais que poderiam impregnar as instituições sociais existentes, influenciando assim os verdadeiros líderes tanto na esfera conservadora quanto liberal [alusão aos dois partidos burgueses conservador e liberal que monopolizavam então a esfera política inglesa], impulsionando o desenvolvimento social em direção a seu objetivo coletivista com a força de um "gradualismo imparável". Na medida em que sua concepção de socialismo se baseava apenas na intervenção do Estado (no nível nacional e municipal) e que sua teoria indicava que o capitalismo estava desenvolvendo tendências coletivistas, rapidamente, dia após dia, e que deveria prosseguir nessa direção, sua função consistia simplesmente em acelerar esse processo [uma ideia análoga prevalece na social-democracia durante a adoção do chamado programa de Bade Godesberg na Alemanha ou de

Winterthur na Suíça, 1958-1959]. A sociedade fabiana foi concebida em 1884 para ser o peixe-piloto de um tubarão. Inicialmente, o tubarão foi o Partido Liberal; mas quando a influência sobre o liberalismo fracassou miseravelmente e o Trabalho finalmente conseguiu constituir seu próprio partido de classe [Partido Trabalhista], apesar dos fabianos, o peixe-piloto simplesmente se juntou a este último.

Pode não haver outra tendência socialista que, tão sistematicamente e conscienciosamente, tenha elaborado uma teoria do socialismo de cima para baixo. A natureza desse movimento foi rapidamente identificada, mesmo que, posteriormente, seu caráter tenha sido obscurecido quando o fabianismo se integrou ao conjunto do reformismo trabalhista.

Um dirigente socialista cristão dentro da Fabian Society atacou uma vez Webb como um « coletivismo burocrático » (pode ser essa a primeira utilização desse termo). O livro, uma vez famoso, de Hilaire Belloc, *L'État servile*, publicado em 1912, foi amplamente provocado pelo « coletivismo ideal » de Webb, que era essencialmente burocrático. G.D.H. Cole [historiador inglês de renome do movimento operário, membro da sociedade fabiana] lembrava que *« os Webb naquela época adoravam dizer que toda pessoa ativa em política era seja um « a », seja um « b » - seja um anarquista, seja um burocrata - e que eles eram dos « b »*. Essas caracterizações servem apenas para transmitir o sentido efetivo do coletivismo dos Webb que era o fabianismo. Era uma orientação completamente dirigista (administrativa), tecnocrática, elitista, autoritária, « planejadora ». Webb gostava de usar o termo influência (de manobra) como sinônimo de política.

Uma publicação da corrente fabiana escrevia que eles queriam ser « os jesuítas do socialismo ». Seu evangelho era a Ordem e a Eficiência. O povo, que deveria ser tratado com indulgência, não era apto senão para ser dirigido por especialistas competentes. A luta de classes, a revolução, os levantes populares eram considerados loucura, demência. No livro *O fabianismo e o império*, o imperialismo era elogiado e aceito. Se uma vez o movimento socialista desenvolveu sua própria corrente coletivista burocrática, foi bem nesse caso.

Pode-se pensar que o socialismo era essencialmente um movimento de baixo para cima, um movimento de classe, escreve um representante do fabianismo, Sidney Ball, para desviar o leitor dessa ideia; mas, continua Ball, os socialistas agora « *abordam a questão sob um ângulo científico em vez de popular; eles são teóricos das classes médias* », orgulham-se disso. Ele chega a afirmar que existe uma clara ruptura entre o socialismo da rua e o socialismo da academia.

As consequências disso são bem conhecidas, embora frequentemente camufladas. Enquanto a corrente fabiana como tendência específica desapareceu em 1918 no movimento muito mais amplo do reformismo trabalhista, os dirigentes fabianos adotaram outra direção.

Tanto Sidney e Beatrice Webb quanto Bernard Shaw [o trio mais conhecido da Fabian Society] tornaram-se apoiadores por princípio do totalitarismo stalinista dos anos 30. Anteriormente, Bernard Shaw, que achava que o socialismo necessitava de um *super-homem*, encontrou mais de um. Ele apoiou Mussolini e Hitler como despóticos benevolentes que deveriam oferecer o « socialismo » aos rudes. Ficou decepcionado que esses despóticos não tenham abolido efetivamente o capitalismo. Em 1931, Shaw declarou, após uma visita à URSS, que o regime de Staline era o fabianismo em prática. Os Webb também foram a Moscovo e lá encontraram Deus.

Em sua obra *O comunismo soviético: uma nova civilização?*, eles provavam (a partir dos documentos fornecidos por Moscovo e das próprias declarações de Staline, meticulosamente analisadas) que a Rússia era a maior democracia do mundo. Staline não era um ditador. A igualdade total reinava. A ditadura do partido único era necessária. O Partido Comunista era uma elite completamente democrática que conduzia à civilização os escravos e os mongóis (mas não os ingleses!). A democracia política havia falhado em todos os países ocidentais e não havia razão para que os partidos políticos sobrevivessem em nossa época. Eles apoiaram firmemente Staline e os processos de Moscovo, assim como o pacto Hitler-Staline, sem que nenhuma náusea pudesse ser observada.

Eles morreram sendo pro-stalinistas acríticos de um tipo que hoje [Draper escreve em 1966] não se poderia nem mesmo encontrar no seio do escritório político do Partido Comunista da URSS.

Como Bernard Shaw explicou, os Webb tinham apenas desprezo pela Revolução Russa em si: _« Os Webb esperaram até que a mudança [revolução] se *terminasse em destruição e ruínas, até que os erros fossem corrigidos e que o Estado comunista realmente se estabelecesse.* » Ou seja, esperaram até que as massas revolucionárias tivessem sido aprisionadas em uma camisa de força, que os dirigentes da revolução tivessem sido destituídos e que a eficácia tranquila da ditadura tivesse se imposto no cenário, em outras palavras, que a contra-revolução estivesse firmemente estabelecida. Foi então que os Webb chegaram para declarar o ideal realizado.

Isso se deve a uma incompreensão gigantesca, um erro incompreensível? Ou os Webb estavam certos em pensar que isso [o Estado stalinista] representava esse « socialismo » que correspondia à sua ideologia, certamente ao custo de um pouco de sangue. A mudança do fabianismo - que visava influenciar as classes médias - em direção ao stalinismo representou o giro de uma porta em torno da dobradiça do socialismo de cima para baixo.

2.1.2 Sidney Webb

Sidney James Webb, 1º Barão Passfield (13 de Julho de 1859 - 13 de Outubro de 1947) foi um socialista britânico, economista e reformador.



Ele foi um dos primeiros membros da Fabian Society em 1884 junto com G. Bernard Shaw. Com Beatrice Webb, Annie Besant, Graham Wallas, Edward R. Pease, Hubert Bland e Sidney Olivier, eles transformaram a Fabian Society em um importante clube político-intelectual na Inglaterra da era edwardiana.

Webb nasceu em Londres. Estudou direito na Birbeck Literary and Scientific Institution. Em 1895, contribuiu para a fundação da London School of Economics, utilizando uma doação herdada pela Fabian Society. Ele se tornou professor de administração pública em 1912, cargo que ocupou por quinze anos. Em 1892, casou-se com Beatrice Potter Webb, que compartilhava suas ideias e crenças.

Ambos eram membros do Partido Trabalhista e desempenhavam um papel político ativo. Sidney tornou-se deputado em 1922. Sua influência era ainda maior porque organizavam os Coefficients, jantares que atraíam os mais influentes homens de Estado e pensadores da época. Em 1929, ele se tornou Barão Passfield e membro do governo britânico (Secretário de Estado para as Colônias e Secretário de Estado para os Assuntos dos Domínios) sob Ramsay MacDonald. Em 1930, teve que renunciar devido a problemas de saúde. Os Webb apoiaram a União Soviética até a morte. Seu livro *A Verdade sobre a Rússia Soviética* (1942) foi publicado em 1942.

Os cônjuges Webb co-escreveram um livro referência sobre os sindicatos, *History of Trade Unionism* em 1894.

No livro *The Next Machiavelli* (1911) de H.G. Wells, os Webb, sob o nome de Baileys, são criticados por serem burgueses manipuladores. A Fabian Society, da qual Wells foi um membro de muito breve duração, não era vista com melhores olhos por ele.

Arquivo

Os escritos de Sidney Webb fazem parte dos arquivos Passfield na London School of Economics.

Bibliografia

Obras de Sidney Webb:

- Facts for Socialists (1887)
- Problems of Modern Industry (1898)
- Grants in Aid: A Criticism and a Proposal (1911)
- Seasonal Trades, com A. Freeman (1912)
- The Restoration of Trade Union Conditions (1916)

Obras de Sidney e Beatrice Webb:

- History of Trade Unionism (1894)
- Industrial Democracy (1897)
- English Local Government Vol. I-X (de 1906 a 1929)
- The Manor and the Borough (1908)
- The Break-Up of the Poor Law (1909)
- English Poor-Law Policy (1910)
- The Cooperative Movement (1914)
- Works Manager Today (1917)
- The Consumer's Cooperative Movement (1921)
- Decay of Capitalist Civilization (1923)

- Methods of Social Study (1932)
- Soviet Communism: A new civilization? (1935)
- The Truth About Soviet Russia (1942)

Referências

1. 'A poor thing but our own': the Webbs and the Labour Party.

2.1.3 Béatrice Webb, née Potter

Martha Beatrice Potter Webb (22 de janeiro de 1858 - 30 de abril de 1943) foi uma socialista britânica, economista e reformadora.



Beatrice Potter Webb, nascida em Gloucester, Gloucestershire, era neta de um deputado radical, Richard Potter. Em 1882, manteve um relacionamento com o político radical Joseph Chamberlain, que na época era um ministro do gabinete. Em 1890, ela conheceu Sidney Webb, que a ajudou em suas pesquisas. Casaram-se em 1892. Ela frequentemente participava das atividades políticas e profissionais de seu marido, inclusive na Fabian Society e na criação da London School of Economics (LSE). Foi coautora de *History of Trade Unionism* (1894) e co-criadora da revista The New Statesman em 1913.

No livro de H.G. Wells, *The Next Machiavelli* (1911), os cônjuges Webb, sob o nome de Baileys, são criticados como burgueses manipuladores. No seu livro, a Fabian Society, da qual Wells foi membro por um curto período, não era vista com melhores olhos.

Webb, a teórica da teoria Cooperativa

Webb fez várias contribuições importantes às teorias políticas e econômicas do movimento da Cooperação. Ela foi quem empregou os termos Federalismo Cooperativo e Individualismo Cooperativo em seu livro publicado em 1891, *O Movimento Cooperativo na Grã-Bretanha*. Beatrice Potter Webb se considerava parte do movimento do Federalismo Cooperativo, uma linha de pensamento que defendia as sociedades de consumo cooperativas. Webb acreditava que as sociedades baseadas no consumo cooperativo deveriam formar sociedades baseadas em um modelo de cooperação de venda no atacado e que as Cooperativas Federalistas deveriam comprar fazendas ou fábricas. Ela era muito crítica das cooperativas operárias que buscavam levar ao

socialismo, apontando que, na época em que escrevia, tais tentativas foram amplamente malsucedidas.

Arquivos

Os escritos de Beatrice Webb, incluindo seu diário, estão reunidos nos arquivos Passfield da London School of Economics.

Bibliografia

Obras de Beatrice Potter Webb:

- Cooperative Movement in Great Britain (1891)
- Wages of Men and Women: Should they be equal? (1919)
- My Apprenticeship (1926)
- Our Partnership (1948)

Obras coescritas por Beatrice Potter Webb e Sidney Webb:

- History of Trade Unionism (1894)
- Industrial Democracy (1897)
- English Local Government Vol. I-X (de 1906 a 1929)
- The Manor and the Borough (1908)
- The Break-Up of the Poor Law (1909)
- English Poor-Law Policy (1910)
- The Cooperative Movement (1914)
- Works Manager Today (1917)
- The Consumer's Cooperative Movement (1921)
- Decay of Capitalist Civilization (1923)
- Methods of Social Study (1932)
- Soviet Communism: A New Civilization? (1935)
- The Truth About Soviet Russia (1942)

Referências

1. Potter, Beatrice, “The Co-operative Movement in Great Britain”, Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1891.

Malcolm Muggeridge

2.2.1 Biografia de Malcolm Muggeridge (Wikipedia)

Malcolm Muggeridge da Wikipedia, a enciclopédia livre



Thomas Malcolm Muggeridge (24 de março de 1903 – 14 de novembro de 1990) foi um jornalista, autor, satirista, personalidade da mídia, espião militar e, posteriormente, apologista cristão.

Biografia

Seu pai, H.T. Muggeridge, foi um importante conselheiro municipal do Partido Trabalhista de Croydon, ao sul de Londres, e foi, por um breve período, membro do Parlamento pelo condado de Romford durante o segundo governo trabalhista de Ramsay MacDonald. Sua mãe se chamava Annie Booler.

Malcolm, um dos cinco filhos, estudou na escola de gramática Selhurst e no Colégio Selwyn da Universidade de Cambridge durante quatro anos, graduando-se em 1924 com menção passável nas ciências naturais. Ele então partiu para ensinar na Índia. Enquanto ainda era estudante, lecionou brevemente em 1920, 1922 e 1924 no Colégio John Ruskin de Croydon, onde seu pai era presidente dos prefeitos.

De volta à Inglaterra em 1927, casou-se com Katherine Dobbs (1903-1994), também conhecida como Kathleen ou Kitty, cuja mãe, Rosalind Dobbs, era uma irmã mais nova de Beatrice Webb. Ele trabalhou como professor substituto antes de partir, seis meses depois, para ensinar no Egito. Foi lá que conheceu Arthur Ransome, que estava no Egito como jornalista para o Manchester Guardian. Ransome recomendou Muggeridge aos editores do Guardian e ele foi empregado como jornalista pela primeira vez.

Moscou

Primeiramente atraído pelo comunismo, Muggeridge e sua esposa chegaram a Moscou em 1932, onde Malcolm deveria ser o correspondente do Manchester Guardian, aguardando William Chamberlin que estava de licença. No início de sua estadia em Moscou, seu principal trabalho jornalístico foi escrever uma reportagem chamada *Picture Palace* sobre suas experiências no

Manchester Guardian, a qual ele terminou e apresentou aos editores em janeiro de 1933. Infelizmente, os editores, preocupados com possíveis processos por difamação, não publicaram o livro, o que resultou em dificuldades financeiras para Muggeridge, que não estava realmente empregado na época, recebendo apenas por freelance. Perdendo rapidamente suas ilusões sobre o comunismo, Malcolm decidiu investigar diretamente a fome na Ucrânia, viajando até lá e ao Cáucaso sem a permissão das autoridades soviéticas. Os relatórios que ele enviava ao Guardian por meio da mala diplomática, assim evitando a censura, não foram impressos na íntegra, nem apareceram sob seu nome. Ao mesmo tempo, Gareth Jones, um jornalista rival, que havia encontrado Muggeridge em Moscou, se tornou famoso com sua própria história que confirmava a magnitude da fome. Escrevendo no New York Times, Walter Duranty negou descaradamente a existência de qualquer fome. A seu crédito, Gareth Jones escreveu cartas ao Guardian apoiando os artigos de Muggeridge sobre a fome. Como Muggeridge entrou em conflito direto com a linha editorial do jornal, voltou a escrever notícias, começando com *Hiver à Moscou* (1934), descrevendo as condições reais na utopia socialista e ridicularizando os jornalistas ocidentais complacentes com o regime de Stalin. Ele posteriormente chamou Duranty de "o maior mentiroso que já conheci no jornalismo". Mais tarde, envolveu-se em uma colaboração literária com Hugh Kingsmill. As concepções políticas de Muggeridge mudaram quando ele passou de uma perspectiva de socialista independente para o que muitos consideraram uma postura de direita, que não era menos severa em suas críticas às questões sociais. As ideias políticas de Muggeridge nunca se prestaram facilmente à categorização em termos de partidos políticos.

A Segunda Guerra Mundial

Durante a guerra, ele fez parte dos serviços do Secret Intelligence Service britânico operando em Bruxelas, o qual era dirigido por Richard Barclay, um homem fraco que Muggeridge e seu colega Donald intimidavam. A tentativa de Muggeridge de se atribuir, por vaidade, o mérito do desmantelamento de uma rede de espionagem alemã em Antuérpia, na qual ele não tinha desempenhado nenhum papel, provocou a indignação dos que estavam envolvidos (Richard Gatty e Charles Arnold-Baker). Ele foi posteriormente enviado para Lourenço Marques, uma cidade neutra na África Oriental Portuguesa, onde se diz que foi responsável pela captura de um submarino alemão, mas também falou mais tarde sobre uma tentativa de suicídio. Pouco depois da Libertação de Paris pelos aliados, Muggeridge foi encarregado de uma investigação preliminar sobre P.G. Wodehouse, processado a respeito de cinco transmissões de rádio realizadas a partir de Berlim durante a guerra. Embora estivesse inicialmente disposto a desprezar Wodehouse, sua entrevista foi o início de uma amizade duradoura e de uma relação editorial. Esse encontro mais tarde inspirou uma peça de teatro de Roger Milner chamada "Além da Piada".

Período do pós-guerra.

Ele trabalhou para outros jornais, incluindo o *Calcutta Statesman*, o *Evening Standard* e o *Daily Telegraph*. Foi editor do Punch Magazine de 1953 a 1957, um cargo que era um desafio para alguém que proclamava não ter senso de humor. Em 1957, ele foi alvo de um grande desapreço público e profissional por criticar a monarquia britânica em uma revista americana, o *Saturday Evening News*. Dado seu título provocador "*A Inglaterra realmente precisa de uma rainha?*", seu artigo foi deliberadamente atrasado por cinco meses por um editor astuto, com o objetivo de coincidir com a visita real de Estado a Washington DC que ocorreria mais tarde no ano. Embora

este artigo não fosse mais do que um ressurgimento de pontos de vista já expressos em um artigo de 1955, "*Royal Soap Opera*", essa infeliz programação gerou uma reação particularmente indignada na Grã-Bretanha, e ele foi, por um breve período, proibido de estúdios da BBC, enquanto um contrato com os jornais Beaverbrook foi cancelado. Sua má reputação contribuiu para impulsionar sua carreira para se tornar um apresentador de programas de rádio ainda mais conhecido, com uma reputação de entrevistador inflexível. Mas, ao longo dos anos 60, ele estava em um período em que suas próprias convicções espirituais começaram a ter mais peso em sua carreira profissional. Cada vez mais, ele se tornava algo ridículo e caricatural ao tentar denunciar frequentemente, no rádio e na televisão, a nova fadiga sexual dos hippies da década de 60. Seus sarcasmos visavam particularmente a moda "Pílulas e Pétard" – pílulas anticoncepcionais e cannabis. Seu livro de 1966, *Marche légèrement parce que tu marches sur mes plaisanteries*, foi publicado durante sua fase de busca espiritual, e embora mordaz em seu humor, indicava ao mesmo tempo um olhar sério sobre a vida. Este título é uma alusão à última linha do poema de W.B. Yeats *Ele desejava os vestígios do Céu* – "*Caminhe levemente porque você está pisando em meus sonhos.*" Em 1967, ele pregou na Igreja de Santa Maria a Grande em Cambridge, assim como em 1970. Sendo eleito reitor da Universidade de Edimburgo, Muggeridge aproveitou a oportunidade de um sermão na Catedral de São Guilherme em janeiro de 1968 para renunciar ao seu cargo em protesto contra a posição do Conselho dos Representantes dos Estudantes sobre a questão de "Pílulas e Pétard". Esse sermão foi posteriormente publicado sob o título *Outro Rei*.

Muggeridge se tornou famoso como o "descobridor" da Madre Teresa, sendo o primeiro a entrevistá-la em Londres em 1968. Contou ao mundo suas façanhas através de um documentário de televisão filmado em Calcutá chamado *Algo Belo para Deus*, assim como um livro com o mesmo nome que se tornou um best-seller. Ele era famoso por seu espírito e seus escritos profundos (como por exemplo: "*Nunca se esqueça que apenas o peixe morto nada com a corrente*"). Escreveu uma autobiografia em dois volumes sob o título *Crônicas do Tempo Perdido*. O primeiro volume (1972) se intitulava *O Bastão Verde*, e o segundo volume (1973) *O Bosque Infernal*. Um terceiro volume estava previsto, *O Olho Bom*, para cobrir o período do pós-guerra; foi iniciado, mas nunca terminado.

Conversão ao Cristianismo

Depois de professar publicamente ser um agnóstico durante quase toda a sua vida, ele descobriu sua voz cristã ao publicar *Jesus Redescoberto* em 1969, uma série de ensaios, artigos e sermões sobre a fé. Tornou-se um best-seller. *Jesus: O Homem que Está Vivo* seguiu em 1976, uma obra mais substancial descrevendo o evangelho com suas próprias palavras. Em *Um Terceiro Testamento*, ele pinta o retrato de sete pensadores espirituais, ou "Espiões de Deus", como os chama, que influenciaram sua vida: Agostinho de Hipona, William Blake, Blaise Pascal, Leon Tolstói, Dietrich Bonhoeffer, Søren Kierkegaard e Fiódor Dostoiévski. Foi nessa época que produziu vários documentários importantes com temas religiosos para a BBC, incluindo *Nos Passos de São Paulo*.

Em 1979, ele atacou publicamente John Cleese e Michael Palin durante um debate na televisão sobre a questão do blasfêmia pública no filme dos Monty Python, *A Vida de Brian*.

A conversão subsequente ao Catolicismo Romano

Em 1982, ele surpreendeu muitos ao se converter ao Catolicismo Romano aos 79 anos, junto com sua esposa Kitty. Essa conversão foi amplamente devida à influência da Madre Teresa. Seu último livro, *Conversão*; publicado em 1988 e recentemente reeditado, descreve sua vida como uma peregrinação do século 20 – uma jornada espiritual.

Muggeridge era uma figura controversa – amplamente conhecido por ser um bebedor, um fumante inveterado e um libertino em sua vida anterior. No entanto, várias de suas obras mais conhecidas são fruto da fé que ele encontrou tardiamente, a qual expressou com eloquência em suas transmissões, como em seus escritos, e em suas enérgicas batalhas sobre questões morais. Hoje, ele é lembrado com carinho pelo nome de St. Mugg. Em seu livro, *Jesus: O Homem que Está Vivo*, ele diz: "Se o maior de todos, Deus encarnado, escolhe ser o servo de todos, quem gostaria de ser o mestre?" Ele foi um líder durante o Festival da Luz de 1971 em toda a Inglaterra, protestando contra a exploração comercial do sexo e da violência na Grã-Bretanha, advogando que o ensinamento de Cristo é a única chave para restaurar a estabilidade moral da nação.

Uma sociedade de literatura foi fundada em seu nome em 24 de março de 2003, por ocasião do centenário de seu nascimento, que publica uma carta trimestral intitulada *A Gargoyle*. Essa sociedade, com sede na Grã-Bretanha, está reeditando as obras de Muggeridge. Os escritos de Muggeridge estão reunidos em coleções especiais no Wheaton College, em Illinois, EUA.

2.2.2 A infância de Malcolm Muggeridge, os Webb e a Fabian Society (Richard Ingrams – Washington Post)

http://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/books/chap1/muggeridge.htm

Muggeridge
A Biografia
Por Richard Ingrams

Capítulo Um: Infância

A mais antiga lembrança de vida de Malcolm era de homens – seu pai e seus amigos – conversando. Eles se reuniam na sala de estar da casa dos Muggeridge em South Croydon nas noites de sábado e, com a ajuda de pequenas quantidades de uísque e água, discutiam política, embora com matizes literários e filosóficos. Para evitar ser notado e mandado para a cama, Malcolm se escondia em um divã de costas altas coberto de damasco, que era chamado de 'canto aconchegante', uma peça de mobília incongruente que seu pai havia adquirido em uma loja de segunda mão. Assim, oculto, o menino ouvia atentamente a conversa e, quando finalmente ia para a cama, relembrava incessantemente em sua mente os vários esquemas que haviam sido propostos, como, por exemplo, a superioridade dos bondes municipais em relação a outras formas

de transporte, todos os quais ele aceitava incondicionalmente como formas de tornar o mundo um lugar melhor.

O pai de Malcolm, H. T. Muggeridge, que dominou sua infância, era um homem pequeno, de barba, com uma grande estatura, um olho cintilante e um nariz um tanto bulboso que ele passou para seu filho. Ele nasceu em 26 de junho de 1864, o filho mais velho de Henry Ambrose Muggeridge, um agente funerário na então vila de Penge, em Surrey (o Diretório Aspinall de 1867 lista Henry Muggeridge de Maple Road, Penge, sob 'Leiloeiro' e 'Fabricante de Móveis e Tapeceiro'). Quando Henry tinha doze anos, seu pai abandonou sua esposa e onze filhos, e a Sra. Muggeridge foi forçada a sustentá-los administrando uma loja de móveis de segunda mão na Penge High Street. Henry deixou a escola aos treze anos e meio para ganhar a vida ajudando a sustentar a família e conseguiu um emprego como office boy em um escritório de advogados na City. Ele ganhava 7 xelins por semana, que dava para sua mãe, que lhe devolvia um xelim para viajar de trem e 4 pence por dia para comida.

Todos os dias, ele comprava um copo de leite por um penny e um pão doce por outro penny, e gastava os dois pence restantes nas livrarias da Charing Cross Road. Ele se ensinou a falar francês e a tocar piano. Mais tarde, percebendo que nunca conseguiria se tornar advogado, conseguiu um emprego como office boy na MacIntyre, Hogg Marsh e Company, uma empresa de fabricação de camisas na New Basinghall Street EC2 (mais tarde demolida durante o Blitz). Ele permaneceu na empresa até se aposentar, eventualmente se tornando secretário da empresa, embora, para a decepção de sua esposa, tenha recusado uma diretoria, pois achava que isso conflitava com seus princípios políticos.

Das suas leituras durante o almoço, H. T. Muggeridge adquiriu um interesse absorvente por política e literatura. Embora mais tarde tenha se tornado um deputado trabalhista, seu primeiro compromisso foi com a Associação Liberal de Penge, onde teve um papel ativo na campanha por uma biblioteca pública no bairro, assim como por banhos públicos. No início da década de 1890, ele se tornou socialista, juntou-se à Fabian Society em 189, e posteriormente à ILP. Tornou-se secretário da Sociedade Socialista de Croydon em 1895 e se candidatou sem sucesso a um cargo no conselho local em Norwood em 1896 e 1897. Ele era um excelente orador público, embora nem sempre tivesse a oportunidade de ser ouvido. Um relatório animado no Croydon Times de 5 de outubro de 1899 relata uma demonstração contra a Guerra dos Boers em Duppas Hill, onde uma multidão de cerca de 2.000 'patriotas' interrompeu a reunião antes que pudesse sequer começar.

Quando o Sr. H. T. Muggeridge subiu ao palco com o intuito de abrir os trabalhos, foi imediatamente atacado por gritos de 'Kruger', 'Tire-o', 'traidor', etc. No entanto, conseguiu começar - 'Só pedimos por -' disse ele, mas não avançou mais quando gritos de decisão foram levantados. Alguém pediu por "Três vivas para Salisbury", e esses foram dados com entusiasmo, após o que a multidão cantou entusiasticamente o refrão de 'Rule Britannia'.

Sr. Muggeridge: 'Só pedimos por -' (gritos de derrubem o velho Kruger e mais 'Rule Britannia' e outros pedindo vivas pela Rainha, Chamberlain, Ronald Grahame e todos os outros que poderiam pensar - até mesmo pela polícia!).

Um rapaz de aparência rude desenrolou uma espécime suja e esfarrapada da Union Jack, para intensa alegria da multidão que aplaudiu e aplaudiu novamente.

Sentindo que era inútil tentar prosseguir com seu discurso, o Sr. Muggeridge desistiu da tentativa – sua saída do palco foi sinal para mais aplausos.

Apesar do eleitorado predominantemente de classe média da cidade, o socialismo tinha um forte apoio em Croydon e, em 1903, havia cinco membros trabalhistas entre os trinta e seis do conselho. Muggeridge foi eleito em novembro de 1911 e permaneceu conselheiro até 1930. Seu interesse especial era a habitação, e ele foi fundamental na construção das primeiras casas do conselho em Croydon. Ele também fez campanha por taxas de pagamento de sindicatos para todos os funcionários municipais. Ele se candidatou ao Parlamento em South Croydon em quatro eleições sem sucesso e foi finalmente eleito como deputado por Romford em maio de 1929. Em dezembro de 1930, foi um dos deputados de todos os partidos que assinaram o manifesto de Oswald Mosley, pedindo uma economia planejada para estimular as exportações e planejar o consumo interno. Ele perdeu seu assento em outubro de 1931, mas foi reeleito para o Conselho de Croydon em 1933 até renunciar, devido a problemas de saúde, em 1940, época em que tinha 75 anos.

Em 1893, aos vinte e nove anos, H. T. Muggeridge casou-se com Annie Booler, que conheceu enquanto ambos passavam férias na Ilha de Man ("Foi um encontro casual", costumava dizer Malcolm). Mais tarde, ele a visitava em Sheffield, embora mesmo então, parecia que a política tinha precedência sobre a paixão, e Annie ficava sabendo da presença de seu pretendente na cidade quando um de seus irmãos lhe dizia: "Seu Harry está lá fora, nos portões da fábrica, falando." Após o casamento, eles se estabeleceram em Broomhall Road, Sanderstead, uma aldeia nos arredores de Croydon. Annie era uma garota de classe trabalhadora muito bonita, de cabelos claros, filha de Ida e William Booler, um supervisor em uma fábrica de cutelaria em Sheffield. Ela não compartilhava nenhum dos interesses políticos do marido, embora às vezes o acompanhasse em suas reuniões, sentasse ao seu lado no palco e puxasse as abas do seu casaco quando achava que ele estava falando por muito tempo. "Annie ainda vive no mundo do amor simples pelos que o grande pai lhe deu", escreveu seu marido para Alec Vidler em 1926. "Ela não tem introspecção, dúvidas, ou ambições – exceto talvez ainda querer parecer bonita, o que, acredito, é algo a se ter inveja."

Annie lhe deu cinco filhos em intervalos de três anos—Douglas, Stanley (morto em um acidente de motocicleta aos vinte e três anos em 19 de agosto de 1922), Malcolm, Eric e Jack. Seu terceiro filho nasceu em 24 de março de 1903 e foi nomeado Thomas Malcolm em homenagem a um dos heróis de seu pai, Carlyle. Ele foi, segundo seu próprio relato, uma criança bonita e, aos três meses, venceu um concurso de bebês patrocinado pela Mellins Food. Embora Malcolm falasse calorosamente em sua vida posterior sobre os parentes de classe trabalhadora de sua mãe, parece que ele nunca foi muito próximo dela. "Ela era extremamente bonita", escreveu ele, "com cabelos muito claros e uma expressão de inocência insondável... somente, se você olhasse fundo, longe da superfície translúcida, encontraria algo de aço, duro e implacável lá." Kitty Muggeridge sempre insistiu que Malcolm nunca foi realmente amado por sua mãe.

Pouco depois do nascimento de seu filho mais novo, Jack, os Muggeridge mudaram de sua casa geminada de três quartos em Sanderstead para 17 Birdhurst Gardens, South Croydon, uma casa

independente de cinco quartos "em seu próprio terreno", que H. T. M. construiu por meio de uma cooperativa por 1.000 libras (terreno e tudo). Embora bem construída, a casa era simples por dentro, sendo o único aquecimento na ampla sala de estar um fogão fechado de antracito, no qual Malcolm costumava se sentar quando estava em casa. Essa sala também continha um pianola – um presente de um dos amigos de H. T. M. Apesar de ter cinco quartos, três dos meninos (Eric, Jack e Malcolm) tiveram que compartilhar uma cama em um determinado momento, e Jack lembrava que Malcolm frequentemente tinha pesadelos e às vezes andava dormindo.

Birdhurst Gardens era uma estrada curta e não pavimentada, a fundo no coração da suburbia. Os vizinhos dos Muggeridge eram altamente respeitáveis e olhavam para os visitantes socialistas no número dezessete com certa apreensão. Não demorou para que Malcolm e seus irmãos fossem chamados de "aqueles terríveis meninos Muggeridge".

Todos os meninos adoravam seu pai, mesmo que, com seu trabalho na cidade e reuniões políticas à noite, ele estivesse, mais vezes do que não, longe de casa. Ele os levava para passeios de bicicleta no campo aos domingos e, à noite, lia em voz alta para eles a partir de uma grande edição ilustrada das peças de Shakespeare, ou sentava-se ao pianola tocando Beethoven com um cachimbo drogado presa entre os dentes. Sua esposa tinha pouco ou nenhum papel nessas atividades, embora às vezes pudesse ser convencida a cantar acompanhada por ele. Ela não tinha interesse especial em livros e apenas escreveu com dificuldade. Talvez invejosa das conquistas do marido, mantinha-se à parte e, quando, como jovem, Malcolm partiu para a Índia, sua mãe não estava no cais para se despedir dele (uma ausência que ele não parecia achar notável) e raramente escrevia para ele quando estava longe.

Seu pai era Deus. "Desde o início", ele escreveu, "tivemos algum vínculo, alguma intimidade especial que me fez querer compartilhar e explorar todos os seus pensamentos, interesses e altitude." Malcolm caminhava com ele até pegar o trem das 8h30, subindo uma colina bastante íngreme, passando pela torre d'água e pelo campo de recreação até a Estação East Croydon; à noite, ficava encantado ao reconhecer a pequena figura de chapéu-coco avançando à frente da maré de trabalhadores da cidade retornando para casa. Muitas vezes, ele ia diretamente para a Prefeitura de Croydon para uma reunião do Conselho Municipal e, às vezes, como um tratamento especial, Malcolm tinha permissão para se sentar na galeria pública e ouvir seu pai participar do debate. Mas as memórias mais vívidas de Malcolm eram de seu pai no mercado da Surrey Street nas noites de sábado, erguendo sua pequena plataforma e arengando os transeuntes sobre a necessidade do socialismo. Ele tinha uma piada particular que seu filho sempre se lembrava: "Agora, senhoras e senhores. É o governo de Sua Majestade, a Marinha de Sua Majestade, o Escritório de Papelaria de Sua Majestade, isso e aquilo de Sua Majestade. Mas é a Dívida Nacional. Por que não é isso de Sua Majestade? Vamos deixar que Sua Majestade tenha isso, não vamos?"

Desde o início, seu pai olhou para Malcolm como diferente. "Agora tenho três filhos pequenos", ele escreveu para seu irmão Percy na Austrália em 1906. "Little Malcolm, que tem dois anos e meio, é o mais novo e achamos que é o mais promissor de todos." À medida que crescia, seus irmãos também passaram a compartilhar a visão do pai. Seu irmão mais novo, Jack (o único com quem ele realmente se dava bem), sempre estava ciente de um elemento espiritual na formação de Malcolm que faltava nos outros. Não era que ele fosse necessariamente mais inteligente, ele simplesmente era mais consciente. (Jack lembra como Malcolm, ainda estudante, notou que ele era naturalmente

canhoto e o ajudou a escrever com a mão esquerda. Previsivelmente, isso foi imediatamente corrigido quando ele começou a escola.) Ele começou aulas de piano em uma escola dirigida por duas irmãs chamadas Monday, logo ao virar da esquina da casa dos Muggeridge, e, aos sete anos, foi para a escola elementar. Aqui começou aquela estranha sequência de encontros aparentemente acidentais que marcaram sua vida. Sua professora era Helen Corke, que na época em que ensinava Malcolm estava tendo um caso com um jovem professor da escola Davidson Road nas proximidades, cujo nome era D. H. Lawrence, e que estava começando a escrever. Helen Corke mais tarde disse a Kitty que Malcolm era "muito encantador, mas impossível".

Malcolm sempre foi grato pelo fato de ter estudado em escolas públicas, sendo assim poupado dos vários complexos que afetaram seus contemporâneos de colégios particulares. Aos doze anos, ganhou uma bolsa para uma escola de gramática local. "A escola para nós," ele escreveu, "era um lugar de onde sair o mais rápido possível e por tanto tempo quanto possível. Tudo o que era emocionante, misterioso e aventureiro acontecia fora de suas fronteiras, não dentro delas."

Como estudante, Malcolm não deu muitas indicações de habilidades excepcionais. "Certamente, ninguém teria aceitado que ele era excepcional de alguma forma", lembrou seu colega Robert Edgar, que mais tarde se tornou diretor. "De fato, ele tinha uma tendência a ser um pouco bobo... a atitude dos mestres em relação a ele era de tolerância divertida." Outro contemporâneo, Arthur Gibson, recordou: "Todos nós o considerávamos um rapaz meio esquisito. Ele era uma pessoa emocional. Sempre se exaltava e ficava muito irritado com as injustiças. E extremamente excitável. Exibia-se bem em inglês escrito e nas conversas." George Ratcliffe, que se tornou contador-chefe na London Electricity Board, lembrou que Malcolm "geralmente estava na metade inferior da turma quando se tratava de exames. Mas era sempre muito verboso e autoconfiante." (Women's Mirror, 19 de fevereiro de 1966)

No que diz respeito a se exaltarem por injustiças, o irmão de Malcolm, Jack, recordou um incidente que comprova isso. O diretor, Sr. Hillyer, era um sádico que, após os anos de guerra, quando a disciplina na escola estava em baixa, se entregava ao prazer de chicotear meninos em seu escritório ou na biblioteca. Durante uma dessas sessões, Malcolm entrou na biblioteca, pegou o bastão de Hillyer, quebrou-o e saiu sem dizer uma palavra. Não se ouviu nada a respeito depois disso.

Quanto a livros e ideias, Malcolm foi educado quase que inteiramente por seu pai. Ele percorria sua biblioteca – seis ou sete prateleiras em uma estante coberta de vidro – com livros que poderiam ser encontrados em qualquer lar fabiano progressista da época, como obras de Carlyle, Dickens, William Morris, Ruskin, Bernard Shaw, além de clássicos socialistas dos Webb e de R. H. Tawney. Seu livro mais precioso era *A Pageant of English Poetry* (Clarendon Press), que seu pai lhe deu de presente de Natal em 1914, quando ele tinha onze anos. Foi o primeiro livro que possuiu, e ele costumava olhar para a folha de rosto que mostrava seis poetas famosos (Keats, Tennyson, etc.) e se perguntava qual deles ele iria se tornar.

Na casa dos Muggeridge, como em outros lugares, o idealismo e o otimismo sobre um novo mundo foram abafados pela eclosão da guerra em 1914. Como muitos à esquerda, H. T. M., embora não fosse pacifista, antes da guerra tinha um instinto pró-alemão e anti-francês. A guerra o desestabilizou e Malcolm teve uma memória vívida de encontrar seu pai uma manhã sentado à

mesa do café da manhã, fitando a longa lista de baixas nos jornais da manhã, seu rosto banhado em lágrimas.

Para Malcolm, que tinha apenas onze anos quando a guerra começou, tudo era emocionante e glamoroso. Seus irmãos mais velhos se alistaram; Douglas foi para o Exército, Stanley para o Corpo Aéreo Real, e ele ansiava secretamente que a guerra continuasse para que pudesse usar um uniforme e ser como os soldados que ele assistia com inveja dançando com as moças bonitas nas noites de sábado no Greyhound Hotel. Ele chegou a ir ao escritório de recrutamento local quando tinha treze anos, mas quando lhe disseram para apresentar uma certidão de nascimento, fugiu, em pânico, com medo de que sua inscrição fraudulenta fosse denunciada. Aos dezessete anos, Malcolm se apaixonou pela primeira e, de forma alguma, pela última vez. O nome dela era Dora Pitman e eles se conheceram pela primeira vez nas quadras de tênis municipais. A partir de então, ele passou muitas horas com ela, visitando sua casa em Thornton Heath. "Estou terrivelmente apaixonado por uma encantadora garotinha chamada Dora", escreveu; "ela tem olhos simplesmente maravilhosos e escreve poesia."

Nenhum dos poemas de Dora sobreviveu, embora um dos de Malcolm endereçado a Dora tenha ficado, porque ele o incluiu de forma bastante cruel em sua peça *Three Flats*, produzida em 1931.

Venham, amados, vamos dormir e não desperdiçar Nosso tempo em paixão ociosa. Há mil noites iluminadas por estrelas para provar Nossas loins em selvagem moda carnal.

Ninguém gostaria de ser julgado por seus esforços juvenis, quanto mais por suas cartas. No entanto, as cartas sobreviventes de Dora para Alec Vidler sugerem que Malcolm teve uma sorte de escapar. "E agora não lhe contei como Malcolm está", ela escreveu (22 de março de 1923). "Quando fomos lá, ele não parecia tão bem quanto deveria, porque em uma festa maluca que eles tiveram algumas semanas atrás, acidentalmente um jarro foi smash em sua cabeça... Ele é um garoto bobo... Eu acho que isso lhe ensinou uma lição, no entanto, e tenho certeza de que ele será mais cuidadoso no futuro. Em si mesmo, ele é apenas o mesmo garotinho querido e adorável – um pouco mais sério do que costumava ser."

A essa altura, Malcolm já era um estudante de graduação em Cambridge, tendo ingressado no Selwyn College em outubro de 1920. Ele falava depreciativamente do ensino na Selhurst School – muitos dos mestres se alistaram em 1914 – mas não pode ter sido tão ruim assim se ele conseguiu a admissão em um colégio de Cambridge.

Em 1920, Selwyn era, segundo seu historiador, o Professor W. R. Brock, 'muito pequeno, muito pobre, muito anglicano e academicamente bastante medíocre'. Havia cerca de 120 graduandos, aproximadamente igualmente divididos entre meninos de escolas públicas e de gramática. As mensalidades eram mais baixas do que as das faculdades mais antigas e um grande número dos estudantes eram filhos de clérigos. O colégio admitia apenas membros confirmados da Igreja da Inglaterra, uma restrição que significa que o colégio não fazia parte oficialmente da Universidade. Como resultado, Malcolm teve que ser confirmado antes que pudesse ir a Cambridge. Isso, por sua vez, significava que ele também tinha que ser batizado. Malcolm sempre desdenhou de Cambridge, dizendo que não se beneficiava muito de seus estudos. Isso talvez não fosse surpreendente, já que ele foi obrigado a estudar para um diploma em Ciências Naturais – sendo

este o único assunto disponível em sua escola secundária para estudo pós-matriculação. No entanto, as evidências não sustentam completamente a imagem que Malcolm tinha de si mesmo como um solitário outsider de uma escola pública lançado em um mundo de snobs de escolas particulares e homossexuais, odiando cada minuto disso.

Malcolm participou das atividades do colégio. A revista do Selwyn, *The Calendar*, registra que, em 18 de fevereiro de 1922, ele propôs e conduziu uma moção na Sociedade de Debates que "O século 20 mostra uma melhoria geral em relação ao 19". Ele ingressou em outra sociedade de debates, os Friars, e foi eleito presidente em 1923. Ele remou em um dos barcos do colégio, jogou tênis e até mesmo futebol, mas foi excluído porque não era bom. Longe de torcer o nariz para os homens de escolas públicas, ele fez o possível para se tornar como eles. (No entanto, um contemporâneo, C. W. Phillips, que mais tarde se tornou um distinto arqueólogo, lembrou dele como um graduando muito difícil – rebelde e impopular.) Seus irmãos ficaram surpresos com a transformação nele após apenas um semestre. Seu sotaque se tornara uma estranha mistura de Croydon suburbano e um sotaque de classe alta, e sua conversa estava cheia de expressões peculiares, até então desconhecidas em Birdhurst Gardens. Seus pais não eram mais Mamãe e Papai, mas Pater e Mater ou "meus pais", enquanto coisas ou pessoas que ganhavam sua aprovação eram "fantásticas" ou "simplesmente magníficas" (uma descrição que ele aplicou com total seriedade à sua namorada Dora).

Nada sugere que H. T. Muggeridge ficasse desconcertado pela mudança em seu filho ou por sua aparente defeição para a burguesia desprezada. Como muitos homens de sucesso que se fizeram sozinhos, ele valorizava enormemente os benefícios da educação e estava determinado a que seu filho favorito tivesse todas as vantagens que ele mesmo não teve. Todas as suas esperanças estavam depositadas em Malcolm, e ele gastou o que pôde para apoiá-lo em detrimento de seus outros filhos. Ele comprou para Malcolm uma associação vitalícia ao Cambridge Union e em três ocasiões o ajudou a sair de dívidas que ele acumulara com seu alfaiate. Mesmo a falha de Malcolm em se destacar em seus estudos fez pouco para diminuir seu orgulho pelo filho. Pode ser que tenha sido graças às conexões de seu pai que Malcolm obteve uma bolsa do Conselho de Croydon para ajudar a pagar as mensalidades do colégio. Assim, nos termos do Plano do Conselho de Educação, ele estava obrigado a passar quatro anos em Cambridge: três anos para o Tripos e um quarto fazendo um diploma de formação de professores, após o qual se esperava que ensinasse em uma escola pública por dois anos. Isso também o envolveu em práticas de ensino em escolas locais em Croydon durante seus dois primeiros anos do Tripos. Malcolm obteve um diploma de professor (classe 2) em dezembro de 1924. O examinador elogiou seu "esplêndido controle da classe" enquanto ao mesmo tempo observava: "Fala demais, atrapalhado por uma certa quantidade de vaidade."

Seu resumo geral foi o seguinte: "Após sua falha no Tripos, desenvolveu uma predileção por inglês. Ele tem uma opinião confiante de si mesmo. É muito agradável lidar com ele. É franco e agradável na maneira. Seus interesses são amplos e variados, mas ele carece de profundidade. Ele é amigável e cortês e será um colega agradável. Ele é um pouco imaturo e tem uma perspectiva infantil. Ele é devotado ao ensino, que ele prefere acima de todas as coisas..."

Foi uma avaliação perspicaz de seu caráter que muitos que o conheceram na vida posterior reconheceriam. Quanto à falta de profundidade e à imaturidade, levaria algum tempo antes que

essas características fossem completamente erradicadas.

2.2.3 A família de Malcolm Muggeridge: sua sogra Rosalind Dobbs, nascida Potter, irmã de Beatrice Webb

Biblioteca Britânica de Ciências Políticas e Econômicas

COLL MISC 0378

DOBBS ROSALIND HEYWORTH 1865 - 1949 NEE POTTER

1940-1945

Extensão: Um volume

História Biográfica

Rosalind Heyworth Dobbs (1865 - 1949) foi a filha mais nova de Richard Potter, presidente da Grand Trunk Railway do Canadá e presidente da Great Western Railway (1817 - 1892). Sua irmã Beatrice Webb (1858 - 1943) era uma proeminente reformadora social e esposa do reformador Sidney Webb, Barão Passfield (1859 - 1947). Em 1888, ela casou-se com Arthur Dyson Williams (1859 - 1896), um advogado. Eles tiveram um filho, Noel, que morreu na Primeira Guerra Mundial. Após a morte do marido, ela viveu no exterior por três anos. Em 1899, casou-se com George Dobbs (1869 - 1946). Dobbs trabalhou na editora Dent, mas, após seu casamento, fundou uma editora com um colega. A empresa faliu, e as irmãs Potter ofereceram-se para pagar suas dívidas, desde que o casal concordasse em viver no exterior. Eles foram viver na Suíça, e Dobbs trabalhou em um negócio de viagens. Tiveram quatro filhos e uma filha, **Kathleen (1903 - 1994)**, que se casou com o escritor Malcolm Muggeridge (1903 - 1990).

Escopo e Conteúdo

Esboços biográficos do político Joseph Chamberlain (1836 - 1914), do filho de Rosalind Dobbs e campeão britânico de esqui Leonard George Dobbs (1902 - 1945), dos autores George Gissing (1857 - 1903) e H. G. Wells (1866 - 1946), e **Kitty** (1903 - 1994) e **Malcolm Muggeridge** (1903 - 1990) e da família Potter.

Organização

Um volume

Acesso: ABERTO

2.2.4 Um Reverendo incentivou Malcolm Muggeridge a se converter

O Rev. Dr. Alec Vidler (27 de julho de 1987) foi a primeira pessoa a dar um empurrão em direção ao cristianismo para o ex-agnóstico fervoroso Malcolm Muggeridge, que descreveu o então ex-Deão de King's, Cambridge, como "um cético disfarçado de fé". Vidler teria ficado surpreso, talvez alarmado, ao ver o grau de austeridade sub-agostiniana ao qual Muggeridge se entregou em sua eventual crença (Católica Romana). Eles compartilhavam o gosto pelo pão caseiro, assado, no caso de Malcolm, por sua esposa santa e longânima, Kitty.

2.2.5 Malcolm Muggeridge, apresentado como um "profeta do século XX": Michael Davies entrevista Muggeridge

Malcolm Muggeridge foi visto como uma figura profética no século XX, e suas entrevistas, como a realizada por Michael Davies, destacavam sua visão singular do mundo e suas convicções. Os temas de suas conversas frequentemente abordavam questões de moralidade, crença e o papel do indivíduo na sociedade moderna, explorando como suas experiências pessoais moldaram sua fé e seus pontos de vista teológicos. Essa perspectiva única, combinada com seu estilo de vida e suas realizações, contribuiu para sua imagem como uma voz influente e provocadora de sua época.

Embora as fontes e detalhes exatos da entrevista de Michael Davies não sejam apresentados aqui, essa descrição reflete o impacto que Muggeridge teve como pensador e comentarista social em seu tempo.

Um profeta do século XX

Decker, Brett M

O importante legado de Malcolm Muggeridge Um profeta do século XX É frequentemente perspicaz saber como escritores eminentes medem seus colegas escritores. O historiador Paul Johnson escreveu sobre o falecido jornalista inglês Malcolm Muggeridge que "Nenhum homem de sua geração, exceto o falecido Evelyn Waugh, valorizou as palavras tão profundamente ou as usou com tal exatidão fastidiosa". O que poderia ter sido mais pertinente é que nenhum homem da geração de Muggeridge, exceto o falecido George Orwell, era melhor em prever o futuro.

Em seu livro, Malcolm Muggeridge: Uma Biografia, Gregory Wolfe reconta a vida notável de um homem que tinha um talento para profecias precisas, mas desagradáveis.

Um dos legados literários mais importantes de Muggeridge é sua crônica sobre os horrores das fomes soviéticas. Em uma missão como correspondente estrangeiro em Moscou, em março de 1933, ele desafiou uma proibição de viagem e embarcou em um trem para a Ucrânia e o Cáucaso do Norte.

Do campo, ele escreveu sobre cadáveres em decomposição nos campos e mais tarde comparou as 7 a 10 milhões de vítimas do genocídio de Stalin ao Holocausto nazista. Na época, os esquerdistas se recusavam a acreditar em suas dispatches dos campos de morte soviéticos, e seus editores no liberal Manchester Guardian cortaram suas histórias e as enterraram nas páginas finais do jornal.

O trabalho do Sr. Wolfe está cheio de anedotas sobre Muggeridge e como os movimentos de esquerda estavam destruindo a base moral da cultura. Referindo-se ao nazismo e ao comunismo, ele escreveu no início da década de 1930 que "É o mesmo espetáculo." Ele criticou a obsessão da cultura moderna pelo sexo e se referiu à aceitação do aborto, contracepção e eutanásia como o "desejo de morte" do liberalismo.

Reconhecendo o cerco da Torre de Marfim, Muggeridge, em 1979, disse ao autor: "Não existem comunistas na Rússia; os únicos comunistas que estão por aí hoje ocupam cátedras em universidades ocidentais." Em 1934, ele previu a invasão soviética do Afeganistão com 45 anos de antecedência e, então, em meados da década de 1970 — quando as democracias estavam em retrocesso — previu o iminente colapso da União Soviética.

Um problema com a biografia moderna é que muitas vezes carece da profundidade de pesquisa comum no passado. Vários biógrafos usam os mesmos textos prontamente disponíveis em bibliotecas universitárias ou de descendentes prestativos ansiosos por um elogio do querido e velho avô. O Sr. Wolfe não pode ser injustamente chamado de biógrafo preguiçoso, pois ele entrevistou associados de Muggeridge, examinou arquivos empoeirados e cartas antigas e passou tempo com o próprio Muggeridge. No entanto, há algumas fontes que são inexcusavelmente não examinadas.

Por exemplo, em 20 de fevereiro de 1983, algumas semanas após Muggeridge e sua esposa se converterem ao catolicismo, ele recebeu os proeminentes jornalistas católicos Roger McCaffrey e Michael Davies em sua casa em Sussex, Inglaterra, para uma longa sessão de perguntas e respostas.

Publicada como Um Bate-Papo à Beira da Lareira com Malcolm Muggeridge e transmitida no programa de rádio do Sr. McCaffrey, a entrevista é indispensável para uma biografia completa de Muggeridge, pois mergulha em sua análise do estado da igreja à qual ele foi recebido de forma célebre.

Referindo-se ao Papa João XXIII, que instigou o liberalizante Concílio Vaticano II (1962-1965), Muggeridge disse ao Sr. Davies: "O Papa João, que é apresentado como uma espécie de papa santo e perfeito, o bom homem de nosso tempo, quer conscientemente ou inconscientemente, fez mais dano à Igreja do que possivelmente qualquer outro homem individual tenha feito em toda a sua história... Parecia quase que o Papa João estava operando em nome do Diabo."

Ele não estava sozinho nesta opinião sombria sobre a hierarquia da igreja que, entre outros erros, iniciou a reaproximação com estados comunistas. O romancista Evelyn Waugh, o converso inglês mais famoso ao catolicismo, escreveu sobre os "múltiplos males" do concílio, que os bispos do concílio "estão destruindo tudo que é superficialmente atraente sobre minha Igreja" e que a nova liturgia introduzida na década de 1960 era "empobrecida." Um mês antes de morrer na Páscoa de 1966, um Waugh deprimido escreveu para sua velha amiga Lady Diana Mosley: "O Concílio Vaticano derrubou as minhas entranhas."

As críticas desses escritores à Igreja Católica pós-Vaticano II são importantes porque sua autodemolição epitomiza as tendências suicidas da sociedade ocidental como um todo.

Um Casanova e um liberal por direito próprio quando era mais jovem, Muggeridge estava intimamente ciente dos perigos espirituais da promiscuidade sexual e ideológica. Ele via como papel da religião advertir contra o vício, não acomodá-lo. À medida que as instituições do cristianismo se esforçavam para serem uma com o mundo em vez de antagônicas a ele, a cultura foi deixada desprotegida. Como Muggeridge via as coisas, a sociedade estava jogando a toalha, e os clérigos eram tristemente os primeiros a se render.

O Sr. Decker é um bolsista da Phillips Foundation de 2003.

Human Events Publishing, Inc. 27 de outubro de 2003
Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company.

2.2.6 Revisão da biografia de Malcolm Muggeridge por Gregory Wolfe

http://findarticles.com/p/articles/mi_m1282/is_n16_v49/ai_19722911/print

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia - críticas de livros

Digby Anderson

MALCOLM Muggeridge foi, em vários momentos, um socialista radical, um adúltero egoísta, um corajoso denunciador da União Soviética, autor de peças e romances "falhos", um vegetariano, um converso ao catolicismo romano e um apologista cristão. Ele foi, durante quase toda a sua vida adulta, um jornalista e um homem obcecado por si mesmo. O jornalismo era originalmente escrito, o que ele fazia muito bem, e mais tarde na forma de rádio, onde se expressava com uma voz afetada e arrogante, mas com muito sucesso. Gregory Wolfe escreveu uma biografia muito boa, de fato. A questão é saber se Malcolm Muggeridge merece isso. Não me refiro a se ele merece uma boa biografia. Quero dizer se ele merece uma biografia no geral. E se merece, em qual das capacidades acima é isso justificado?

Há quem pense que a decisão sobre se a biografia de alguém deve ser escrita não se trata de mérito. Mas uma reflexão momentânea mostra que isso é um absurdo. Não podemos realmente

permitir que todos e qualquer um tenha sua vida escrita. Mesmo agora, quando, sei lá, talvez uma em cada várias centenas de milhares de pessoas recebe uma biografia, claramente há biografias demais. A biografia está se tornando uma indústria impulsionada pelos produtores. Uma sociedade que perdeu a discriminação tácita necessária para decidir quem deve e quem não deve receber uma biografia está em sérios apuros. Muggeridge achava que a sociedade moderna havia perdido seus valores — ou seja, suas prioridades, sua capacidade de discriminar entre o grandioso e o trivial. Que ironia se sua biografia fosse testemunha dessa perda.

Pois à primeira vista, o Sr. Muggeridge — ou "Malcolm", como o Sr. Wolfe revela de maneira irritante — não merece uma biografia. Grande parte deste livro, assim como outras obras sobre Muggeridge, ocupa-se em discutir quem ele realmente era ou em qual das diferentes capacidades acima ele apresentou o verdadeiro Muggeridge. Mas não se pode negar que, se ele foi alguma coisa, foi um jornalista. No final das contas, ele não foi um romancista, e foi no jornalismo que ele se destacou.

Tem sido argumentado que o jornalismo é o romance de hoje. Ou melhor, que homens que teriam sido romancistas no passado agora são jornalistas. Eu acho que isso é verdade. Ao tomar essa decisão, eles recebem certas recompensas e punições. Jornalistas, pelo menos o tipo que Muggeridge era, podem ganhar muito dinheiro e ter muita influência. Mas seu meio é efêmero. Isso é verdade mesmo que os pensamentos que exprimem não sejam efêmeros. Devemos realmente permitir que jornalistas, mesmo os excelentes, tenham biografias? Como jornalistas, quero dizer? O Sr. O'Sullivan e o Sr. Buckley merecem biografias como colunistas e editores?

Eles podem, no entanto, merecer biografias em outros fundamentos. Eles podem ter tido vidas interessantes, ter sido "grandes" homens, ou mesmo apenas proporcionar ao biógrafo uma desculpa para especulações e discussões interessantes.

Wolfe claramente acredita que Muggeridge foi um grande homem. Ele considera suas Crônicas do Tempo Perdido uma "obra-prima literária", seu estilo de prosa "entre os melhores de sua geração". Ele o coloca como um escritor e "espírito" ao lado de Samuel Johnson, G. K. Chesterton e Evelyn Waugh. Ele acredita que ele é o segundo, somente atrás de C. S. Lewis, como apologista cristão entre os escritores modernos. Isso é simplesmente exagero. Se Muggeridge deve ser elevado às fileiras dos melhores, então outros cem de qualquer escritor, espírito ou apologista preferido também devem ser. Então deixa de ser uma classe dos melhores. Após a inflação de notas, temos a inflação de biografias.

Não, o fundamento em que esta biografia é justificada é que Muggeridge teve uma vida interessante. Foi interessante não porque os eventos fossem especialmente intrigantes, mas porque ele enfrentou de uma maneira intensificada vários dos dilemas que muitas pessoas de seu tempo enfrentaram, e esses dilemas são uma oportunidade útil para especulações fascinantes. Os dois principais são sobre a natureza do socialismo e a fonte dos valores na sociedade moderna. A história que provoca o primeiro é o encontro de Muggeridge com o socialismo através do fabianismo de seu pai, seu próprio quasi-marxismo mais severo, sua visita à União Soviética em 1932-33 e sua desilusão.

O segundo começa com sua leitura secreta da Bíblia na adolescência, sua conversão, como aluno de graduação, ao cristianismo e sua contemplação de uma vocação, seu encontro com a Índia após a universidade, seu renovado apoio ao cristianismo como uma visão de mundo após o episódio soviético, e sua eventual aceitação do cristianismo institucional em sua submissão romana em 1982. Não há dúvida de que sua postura contra a União Soviética após -- de fato, durante -- sua visita foi corajosa e lhe custou caro entre os muitos literatos que o acompanhavam. Em sua postura contra a contracepção, ele também foi corajoso. E sua aceitação final da autoridade divina como a única defesa contra a modernidade relativista foi à frente de seu tempo.

Wolfe vê tudo isso como parte de um todo Muggeridge. Muggeridge, o performer, o debunker em busca de citações, o "espírito" presunçoso, está realmente mostrando uma forma de repulsa em relação ao mundo que, no final, faz sentido em relação ao convertido das "duas cidades" do catolicismo agostiniano. Isso é justo, até certo ponto. E, até certo ponto, suponho que isso também pode se aplicar ao adultério. Sr. Wolfe está certo ao censurar aqueles que veem a conversão de Muggeridge a Roma como isolada de sua vida inicial e intermediária. Mas ele vai longe demais na outra direção. Havia outro Muggeridge, egoísta, sujo, obcecado por si mesmo e trivial. Esse eu também era real. Posso me lembrar de quão chateados estavam muitos provincianos ingleses de classe média quando aquele "terrível" "artificial" homem apareceu em suas telas de televisão. E o profundamente desagradável Muggeridge não pode ser concilidado de maneira simples com "São Mugg." Por que deveria ser? Podemos encontrar tudo em qualquer um de nós?

De outra forma, o relato de Wolfe é excessivamente neat, confortável demais. Ele pode não ter pretendido, mas o efeito de seu relato é apresentar uma história que termina bem. "Malcolm" volta para casa, para a Igreja, para o lugar que sempre o aguardou e para a paz. Wolfe admite algumas ondulações, para seu crédito. Muggeridge não era um católico ortodoxo em crença ou prática. Mais seriamente, ele estava preocupado com os desenvolvimentos modernos na própria Igreja. Wolfe não prossegue com isso. Ele deveria ter.

Pois a Igreja na qual Newman, Manning, Knox e Waugh foram recebidos não era a Igreja que Muggeridge entrou. Essencialmente, para os católicos, era e é a mesma, na medida em que é a verdade. Mas a Igreja é grande. E o que Waugh percebeu -- como revelado por sua correspondência com o Cardeal Heenan -- e o que Muggeridge notou é que uma mudança ocorreu. Muggeridge via a Igreja como o único e último bastião contra a modernidade relativista. O que acontece quando a modernidade relativista se manifesta dentro da Igreja, dentro do único e último bastião? Pois não há dúvida de que o argumento da relatividade cultural agora está presente na Igreja. Ele é resistido por um corajoso e enfermo Pontífice e um astuto Cardeal Ratzinger. Mas ele está presente. Isso não promove paz e tranquilidade, ou mesmo uma sensação de um lar seguro. Alguns dizem que sempre foi assim. A heresia esteve sempre na Igreja. Mas a heresia do relativismo é algo novo, como Muggeridge percebeu. Não é tanto que seja errada, mas que é corrosiva de toda crença e ainda mais de paz e segurança.

A vida de Muggeridge foi mais confusa do que Wolfe permitirá. E nosso mundo, incluindo a Igreja Cristã, está em uma situação mais confusa do que ele sugere. Mas a vida de Muggeridge valeu uma biografia, afinal. E esta é uma muito bem pesquisada e bem escrita, uma leitura fascinante; apenas muito arrumada e não quase sombria o suficiente. Coisas que nunca se poderia ter acusado "Malcolm" de.

DIREITO AUTORAL 1997 National Review, Inc.
DIREITO AUTORAL 2004 Gale Group

2.2.7 Um retrato de Muggeridge pelo New York Times

Como Ter Sucesso na Grã-Bretanha Sem Realmente Tentar

Por BRUNO MADDOX

Publicado em: 24 de março de 1996

MUGGERIDGE: A Biografia. Por Richard Ingrams. Ilustrado. 264 pp. San Francisco: HarperSanFrancisco. $27,50.

As mais antigas memórias de Malcolm Muggeridge eram de homens meio bêbados discutindo política "com nuances literárias e filosóficas", e suas memórias posteriores seguiam a mesma linha. Filho de um orador socialista extrovertido das províncias, Muggeridge (1903-90) carregou a tocha do dilettantismo inglês durante a maior parte do século XX, estabelecendo, como escritor e apresentador de televisão, o tom para uma geração global de pessoas que não têm ideia do que querem fazer, exceto que isso tem algo a ver com Mídia.

Um protegido de Muggeridge, Richard Ingrams, usa habilidosamente a amizade deles como um pretexto para não tentar, nesta biografia, exagerar as realizações do homem, rastreando em vez disso o suave fluir de sua personalidade. Como jovem romancista, Muggeridge recebeu boas críticas; mas ele se sentiria mais à vontade na televisão do que em qualquer outro lugar. Ele foi um pioneiro daquela legião de figuras da televisão britânica que usam sua "não-televisividade" para implicar grandeza e especialização em outras áreas não nomeadas. Ele não era bonito e não tinha uma dicção particularmente boa, então as pessoas presumiram que ele era um gênio. E estavam certas.

Depois de se formar em Cambridge no início da década de 1920, Muggeridge passou alguns anos obrigatórios se comportando de forma excêntrica na ainda britânica Índia antes de subir com estilo e irreverência nos meios literários para editar o jornal satírico Punch e ajudar a dar à luz seu rival mais afiado, Private Eye. Apesar de dizer a quem quisesse ouvir que colaboraria com os nazistas se eles invadissem a Inglaterra, ele, no entanto, fez sua parte na Segunda Guerra Mundial como um espião eloquente na África do Sul, despejando seu entusiasmo pelo relacionamento alegre e descomplicado com mulheres casadas que falhou repetidamente em abalar sua esposa dedicada, Kitty.

Quando estava em seus 50 anos, o humor mundano e a proficiência em conversar com bêbados de Muggeridge chamaram a atenção da BBC, que o tornou uma das primeiras personalidades puras da televisão, um entrevistador e apresentador versátil viajando pelo mundo, sendo ele mesmo. Enquanto a maioria dessas figuras daquele período era tão rígida quanto as câmeras que as

filmavam, a facilidade de Muggeridge fez dele uma celebridade instantânea, famoso principalmente por ser famoso.

Ele fez maior sucesso em uma viagem da BBC à Índia em 1968. A reputação impecável de Muggeridge como cínico fez com que o espetáculo de sua adulação por Madre Teresa -- ele estava convencido de que Deus, e não a Kodak, havia permitido que o interior sombrio de seu hospício em Calcutá aparecesse no filme -- a transformasse da noite para o dia, aos olhos do público britânico, na maior freira da era pós-"Sonho de Liberdade". Essa visita, e sua amizade subsequente com Madre Teresa, tornaram Muggeridge um católico romano inabalável, embora não particularmente convincente, até sua morte aos 87 anos. No entanto, em vez de amolecê-lo, sua conversão às vezes parecia quase uma manobra tática para realizar ataques escandalosos à contracultura.

Biografias frequentemente revitalizam; "Muggeridge" deixa você admirado com quanta talentosa, sensibilidade e visão um homem pode ter e ainda assim não encontrar um emprego que goste. Talvez, no entanto, isso seja perder o ponto do amadorismo britânico. Tanto em seu estilo quanto em seu assunto, o Sr. Ingrams, colunista do The Observer, consegue brilhantemente fazer de Muggeridge um ícone para as crescentes fileiras daqueles presos entre grandeza e importância. Na mais fina tradição britânica, Muggeridge elevou seu dilettantismo primeiro a uma profissão e depois a uma forma de arte. Seu gênio e seu legado duradouro são que, através da Mídia, ele encontrou uma maneira de transformar a falta de foco em um fim em si mesmo.

Bruno Maddox escreve frequentemente para o New York Times Book Review.

2.2.8 A conversão de Malcolm Muggeridge e a dúvida

http://www.articlecity.com/articles/religion/article_173.shtml

Como se Encontra a Fé? Católico Relapso por: **Michael A. S. Guth**

O título deste artigo é uma pergunta que William F. Buckley inicialmente fez ao ensaísta britânico Malcolm Muggeridge em um dos melhores programas já produzidos na série de televisão PBS Firing Line. Muggeridge respondeu à pergunta observando que, como jornalista e comentarista social, ele havia observado eventos humanos por mais de cinquenta anos. Essa experiência pessoal de ver a devastação após a Segunda Guerra Mundial, os efeitos do comunismo e o declínio do cristianismo na Europa o levou a buscar uma verdade superior àquela que a humanidade poderia descobrir por si mesma. É o desdobramento gradual das tragédias humanas que ensinou Muggeridge que deve haver mais para o grande drama da vida humana do que aquilo que a razão pode explicar.

Li e reli a transcrição da entrevista de Bill Buckley com Malcolm Muggeridge muitas vezes e acredito que Muggeridge articulou algumas verdades duradouras durante essa entrevista. Neste artigo, apresento e respondo às mesmas perguntas que Muggeridge e comparo nossas respostas. Na época de sua entrevista, Muggeridge era cristão, embora não fosse membro de nenhuma

denominação. Buckley o descreveu como o principal apóstolo leigo do cristianismo. Poucos anos após sua entrevista, Muggeridge e sua esposa se juntaram à Igreja Católica Romana; no entanto, ele permaneceu criticamente atento às reformas que se seguiram ao Segundo Concílio do Vaticano e preferiu a igreja em seus modos anteriores ao Vaticano II.

Minha própria experiência e formação consistem em uma pessoa nascida e criada na igreja católica, que posteriormente parou de frequentar a missa, porque se sentia espiritualmente seco. Não tenho grandes divergências de política com a Igreja Católica, embora distinga entre os comentários feitos à imprensa por membros da hierarquia da igreja e aqueles que seriam defendidos por Jesus Cristo, se ele estivesse vivo hoje. Quando há diferenças entre os dois, eu me posiciono firmemente ao lado que reflete os próprios ensinamentos de Jesus, conforme citado no Novo Testamento. Hoje, descubro que tenho uma conexão espiritual com a Igreja Católica e freqüentemente assisto à missa às sextas-feiras, seguida por um breve serviço do rosário. Mas não sou nutrido espiritualmente com as missas aos domingos.

Quando perguntado como encontrou Deus, Muggeridge riu, dizendo que não teve nenhum tipo de conversão na estrada de Damasco, onde era um não-crente em um dia e um crente no dia seguinte. Em vez disso, ele encontrou Deus através “do desdobramento de uma iluminação que é cheia de dúvida, assim como de certeza. Eu realmente acredito na dúvida. Às vezes se pensa que é a antítese da fé, mas eu acho que está conectada à fé – algo que, na verdade, Santo Agostinho disse – como, você sabe, concreto armado, e você tem aquelas tiras de metal no concreto, que o tornam mais forte.”

Concordo que aqueles que buscam a iluminação, não para ganhar conhecimento, mas em uma tentativa de entender circunstâncias e encontrar a verdade, descobrirão as limitações do pensamento humano e das teorias científicas. Ao longo do caminho, essas pessoas estarão expostas a explicações religiosas, que poderão investigar mais a fundo ou rejeitar como meras superstições. Mas, quanto mais elas procuram, mais esbarrarão em questões em que acreditam, mesmo sem evidências que comprovem suas crenças. Essas crenças não precisam ser de natureza religiosa. Por exemplo, as pessoas podem acreditar que existem formas de vida inteligente em algum lugar do vasto universo. Ou podem acreditar que não há Deus, mesmo que não consigam provar a não existência de Deus melhor do que aqueles que acreditam em Deus podem provar sua existência. Talvez menos importante do que realmente descobrir e dominar alguma verdade transcendental seja a busca pela verdade; a verdade é o que a mente inquisitiva busca para se libertar.

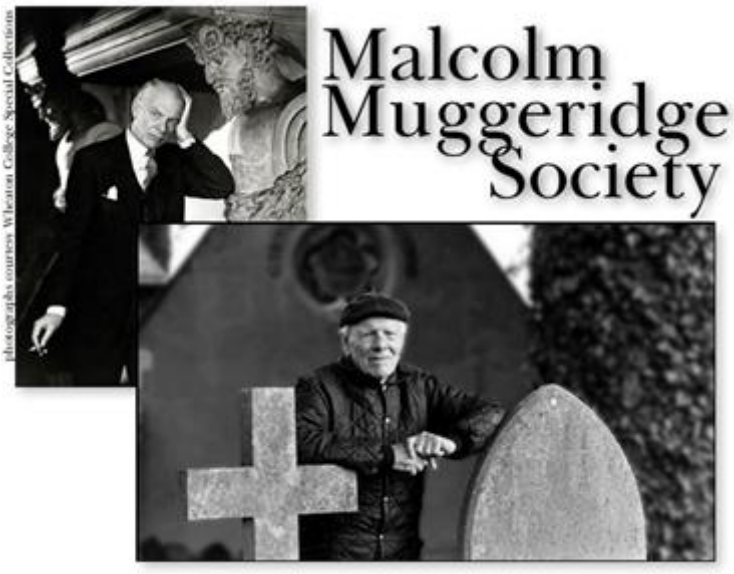
Muggeridge estava certo ao dizer que a fé sem dúvida não é fé alguma; é uma espécie de aceitação entorpecente de tudo que é ensinado, sem qualquer segundo pensamento ou questionamento. Se eu perguntasse a meus amigos religiosos se eles têm dúvidas sobre sua fé, a maioria, senão todos, responderia imediatamente "não", e alguns ficariam ofendidos por sua fé poder até ser objeto de dúvida. Mas essa é completamente a resposta errada. Ter fé em Deus significa que uma pessoa testou e avaliou outras teorias concorrentes para explicar vários fenômenos e voltou às suas crenças iniciais. A menos que uma pessoa tenha uma mente aberta para ouvir os desafios à sua fé, ela nunca poderá ter certeza de que suas crenças religiosas são mais do que mitologia, semelhante à que o homem moderno ridiculariza dos antigos gregos.

Na mitologia grega, o sol atravessava o céu porque o deus Apolo dirigia sua carruagem nos céus. A mudança das estações supostamente se devia a alguma deusa grega sendo negada de visitar sua filha. A fé no conceito judaico-cristão de Deus deve ter uma base mais firme do que explicações bobas para forças da natureza. Uma maneira de diferenciar o conceito judaico-cristão da mitologia grega é pela longevidade das crenças. A igreja cristã já tem quase 2.000 anos. Quando começo a me perguntar se sou tolo por acreditar em Deus, encontro conforto no fato de que, ao longo dos séculos, muitas pessoas muito inteligentes (assim como um número ainda maior de pessoas simples e não educadas) acreditaram que Deus existia e que teríamos maior proximidade e comunhão com Deus na vida após a morte. É possível que todos aqueles bilhões de pessoas estivessem simplesmente erradas? Sim, é possível, mas altamente improvável.

http://michaelguth.com/lawnews.htm

Dr. Michael A. S. Guth, Ph.D., J.D. é Professor de Economia Financeira e Direito em várias universidades com programas de graduação on-line e advogado no Tennessee. Ele escreve petições legais e apelações para firmas de advogados, bem como para seus próprios clientes. Na parte de varejo, sua prática jurídica busca capacitar indivíduos a se representarem em tribunal sem um advogado. Ele auxilia essas partes pro se na redação de documentos judiciais (pleitos) e na realização de pesquisas jurídicas. Suas informações de contato estão exibidas em cada uma das páginas da web dos negócios acima.

2.2.9 A Sociedade Malcolm Muggeridge



http://www.malcolmmuggeridge.org/

2.2.10 O Anglicano Alec Vidler e Malcolm Muggeridge

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia

McClain, Frank M.

Malcolm Muggeridge: A Biography. Por Gregory Wolfe. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1997. xviii + 462 pp. $35,00 (capa dura).

O livro de Gregory Wolfe é impressionante. Wolfe tem uma profunda apreciação por seu tema. Com cuidado, ele usou documentos inéditos, material publicado e, aparentemente, uma série de entrevistas pessoais. É uma leitura deliciosa. Os assinantes da *Anglican Theological Review* acharão a biografia desafiadora e também se entreterão. Afinal, Muggeridge foi um dos melhores editores de *Punch* de todos os tempos.

Malcolm Muggeridge está ao lado de Evelyn Waugh como um dos conversos emblemáticos do anglicanismo para a Igreja Católica Romana no século XX. Muggeridge e sua esposa, de fato, foram recebidos na Igreja Romana no final de sua vida, e a biografia descreve uma peregrinação espiritual. No entanto, até o final, as Orações da Manhã e da Tarde do Livro de Oração Comum de 1662 formavam a base das devoções diárias dos Muggeridge.

Malcolm primeiro "se converteu" à fé cristã quando era estudante de graduação no Selwyn College, em Cambridge. Seu diálogo religioso com seu amigo, o teólogo Alec Vidler, começou ali, continuou por mais de sessenta anos e amadureceu quando os Muggeridge e Vidler moraram a algumas milhas de distância em Sussex. No entanto, a vida de Malcolm foi marcada por inúmeras excursões para caminhos sensuais e mundanos. As infidelidades matrimoniais dos Muggeridge forneceriam material para várias novelas. No entanto, a Eucaristia foi a pedra angular que o sustentou quando ele estava mais longe de ser um cristão praticante. A memória da celebração diária quando viveu como hóspede por dois anos na casa do Oratório do Bom Pastor em Cambridge, ajoelhando-se ao lado de Madre Teresa na missa em Calcutá, ou ouvindo a Proclamação da Páscoa Ortodoxa em Kiev, formou e nutriu as qualidades que o tornaram um defensor fervoroso da fé cristã.

Malcolm também foi sustentado por relacionamentos pessoais próximos. Em uma oração de agradecimento, ele lembrou-se das três pessoas que mais significaram para ele em sua vida: sua esposa Kitty, Hugh Kings Mill e Alec Vidler:

K., por amor eterno, dado e recebido.

H. K., por risos e luz.

A. V., por as raízes, o tronco, os ramos e as folhas.

As amizades deram estrutura e apoio à sua vida. Mas Malcolm parecia buscar uma certeza e uma estrutura não fornecidas pela Igreja da Inglaterra e pela teologia inclusiva do anglicanismo. Talvez isso fosse uma característica familiar. Um de seus filhos se juntou aos conservadores evangélicos dos Irmãos de Plymouth. Outro precedeu Malcolm na Igreja Católica Romana.

Muggeridge foi uma personalidade popular da televisão, um verdadeiro "fala-cabeça" da BBC. Mas também foi um jornalista de destaque, escrevendo para jornais tão diversos quanto o *Manchester Guardian* e o *Telegraph*. Suas opiniões, muitas vezes uma surpresa para seu público, o marcaram como um rebelde não-conformista consistente. Muitos imperadores não estavam vestidos no século XX, e Malcolm tinha o dom de detectá-los todos. Apesar de sua estreita conexão familiar com os Sidney Webbs, Muggeridge foi um dos primeiros a perceber o lado sombrio do comunismo soviético. O nazismo na Alemanha, o materialismo ocidental, a pretensão imperial britânica na Índia, e a sociedade e cultura inglesa (e americana) foram todas alvo de sua aguda observação. Sua oposição ao aborto, à contracepção e à eutanásia levantou sobrancelhas liberais, não mais do que outras eram levantadas em resposta a sua afirmação da sexualidade como um sacramento.

Em um documentário, *Paulo: Enviado Extraordinário*, que os dois produziram juntos, seu amigo Alec Vidler comparou o gênio de Malcolm ao de São Paulo, que "era um pensador intuitivo. Ele tinha os insights de um vidente e conseguia expressar o que via com a confiança de um poeta... Ele nunca usava palavras como 'possivelmente', 'provavelmente' ou 'talvez'." Nem Muggeridge. A biografia de Gregory Wolfe atesta isso.

FRANK M. McCLAIN

Charleston, Carolina do Sul

Anglican Theological Review, Inc. Inverno de 1999

Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company.

O filho, John Muggeridge e sua esposa Anne Roche

Biografia de John Muggeridge

http://www.ogs.on.ca/ogspi/200od/05dal004.htm

DALY o@ca.on.york.toronto.globe_and_mail 2005-12-01 publicou John MUGGERIDGE, Professor e Escritor: (1933-2005)

Filho do famoso jornalista e autor britânico, construiu sua vida no Canadá como escritor, educador e fervoroso defensor do movimento "pro-life", que, de certa forma, apresentou seu pai ao catolicismo, escreve Sandra MARTIN.

Por Sandra MARTIN, quinta-feira, 1 de dezembro de 2005, Página S9

O professor e escritor John MUGGERIDGE foi criado "um anglicano moderado de internato", de acordo com seu amigo, o jornalista David WARREN, mas se tornou um católico ortodoxo e fervoroso antiabortista sob a influência de sua esposa, a escritora e polemica católica Anne ROCHE.

Apesar de sua postura pública e política como defensor da vida, o Sr. MUGGERIDGE nunca condonou ou apoiou as atividades homicidas de alguns ativistas antiaborto, de acordo com o Sr. WARREN, que também é um convertido ao catolicismo. "O ponto principal é que ele estava defendendo a vida, e não psicopatas. Ele seria muito mais propenso a acolher a mulher que teve um aborto e que se dá conta de que fez uma coisa terrível."

Um homem gentil e modesto com um humor ácido, ele nunca reconheceu quantas pessoas foram tocadas por sua fé na bondade essencial delas. O Sr. MUGGERIDGE submergiu suas próprias ambições em seu papel como pai e provedor para uma grande família de quatro filhos e uma filha. "Ele deixou sua carreira acadêmica em segundo plano por causa da família", disse seu filho mais velho, John Malcolm MUGGERIDGE. "Ele sacrificou seus estudos porque precisava de uma renda."

Seu talento literário nascente foi convocado quando George Orwell pediu que ele lesse o manuscrito de *A Revolução dos Bichos* antes de sua publicação em 1945. "Orwell e seu pai estavam preocupados que o manuscrito pudesse sofrer o mesmo destino que *Viagem a Gulliver*, ou seja, tornar-se um livro infantil", disse o escritor Kildare DOBBS, que é parente dos MUGGERIDGES pela mãe. John, aos 12 anos, leu a obra-prima de Orwell e a proclamou um livro para adultos.

John MUGGERIDGE nasceu nos arredores de Londres, Inglaterra, o segundo de quatro filhos do jornalista, escritor e comentarista Thomas Malcolm MUGGERIDGE e sua esposa **Katherine "Kitty"**

DOBBS, sobrinha da socialista fabiana Beatrice WEBB. Seu irmão mais velho, Leonard, disse que realmente não conhecia John MUGGERIDGE na infância porque foram "enviados para internatos muito cedo" devido ao fato de que seu pai famoso estava "aqui, ali e em toda parte." Os dois irmãos só se tornaram próximos nas últimas duas décadas.

O Sr. MUGGERIDGE estudou no Cranbrook College e depois fez os então obrigatórios dois anos de serviço militar no Quênia. Ao retornar à Inglaterra, estudou história no Jesus College, Cambridge. Após a graduação, imigrou para o Canadá em meados da década de 1950 "por tédio", como contou a um de seus netos que estava escrevendo uma redação escolar sobre imigração.

"Acho que ele queria uma mudança", disse seu filho John Malcolm MUGGERIDGE. "Seu pai era bem conhecido e ele queria fazer seu próprio caminho e queria ensinar." Ele olhou no *The Times* de Londres e encontrou dois empregos anunciados: um em Hong Kong e um em Corner Brook, Newfoundland.

Foi assim que conheceu sua futura esposa Anne-Marie ROCHE. Ela havia entrado para as Irmãs da Apresentação como noviça, mas deixou a ordem antes de fazer seus votos. As irmãs haviam encontrado um emprego para ela na escola católica local em Corner Brook. O Sr. MUGGERIDGE, que lecionava na escola pública, conheceu-a em uma reunião da união dos professores.

Alguns anos depois, o Sr. MUGGERIDGE deixou Corner Brook para estudar para um mestrado em história canadense na Universidade de Toronto. "Ele e minha mãe se corresponderam por carta", disse seu filho. Casaram-se em 1960 e seu pai se converteu ao catolicismo cerca de um ano depois. "Mamãe foi a força motriz nessa decisão. Ela era muito, muito devota e tinha uma forte influência sobre as pessoas. **Ela foi a principal razão para a conversão do pai e para a do avô [em 1982], embora ele também tenha sido influenciado por Madre Teresa e pelo papa."**

"Minha teoria é que John veio para o Canadá para se afastar da notoriedade de seu pai e também, talvez, para se afastar de pessoas opressivas em suas opiniões, mas então ele se casou com uma pessoa ainda mais opinionada," disse o Sr. DOBBS.

Uma católica tradicional que discordou veementemente do Vaticano II e suas tentativas de modernizar a Igreja, a Sra. ROCHE é autora de *The Gates of Hell: The Struggle for the Catholic Church* (1975) e *The Desolate City: Revolution in the Catholic Church* (1986). "Eu não casei com uma católica, eu casei com o catolicismo," costumava dizer o Sr. MUGGERIDGE sobre suas opiniões religiosas cada vez mais ortodoxas e sua forte posição antiaborto.

"Na visão católica, não pode haver nada de certo em relação ao aborto," disse o Sr. WARREN, ele mesmo um convertido ao catolicismo. "As posições morais podem ser difíceis de manter na vida pessoal das pessoas, mas não são difíceis de entender."

O Sr. MUGGERIDGE ensinou história e francês no Ridley College no início da década de 1960 e depois lecionou na Earl Haig High School em Toronto, antes de se mudar com sua crescente família para Hamilton, onde buscou um doutorado na Universidade McMaster.

Por um tempo, os MUGGERIDGE estiveram envolvidos em um grupo de discussão conservador crítico das disposições do Vaticano II. Chamado de Sociedade São Atanásio, foi liderado por Jim DALY, um professor da McMaster, e pela Irmã Mary Alexander, uma professora. O grupo se desfez após a morte precoce do Prof. **DALY** devido ao câncer.

O Sr. MUGGERIDGE não completou seu doutorado. Ele mudou sua família, que já contava com três filhos, para o Niagara College em Welland, Ontário, em 1969, onde ensinou literatura inglesa, composição e Estudos Canadenses. Ele se aposentou no início da década de 1990. Um ávido leitor, ele lia para sua esposa dormir todas as noites com uma seleção de Shakespeare, Dickens, Jane Austen, P.G. Wodehouse ou John Donne e os poetas metafísicos.

Como escritor, o Sr. MUGGERIDGE frequentemente contribuiu com resenhas de livros para *The Globe and Mail*, escreveu regularmente para a agora extinta revista *The Idler* e atuou como editor colaborador da revista mensal ortodoxa *Catholic Insight*. "Ele era um cavalheiro cristão, muito gentil," disse o editor associado David DOOLEY, um professor de inglês aposentado do St. Michael's College na Universidade de Toronto.

O Sr. MUGGERIDGE não era um escritor rápido, segundo o Sr. DOOLEY. "Dê-lhe uma resenha de livro e o resultado viria lentamente, muito bem pensado e com um bom senso de estilo."

Tanto ele quanto sua esposa escreveram regularmente para *The Idler* na década de 1980 e se tornaram amigos próximos do editor fundador David WARREN. "Ele nunca realmente se considerou um escritor," disse o Sr. WARREN, explicando que o Sr. MUGGERIDGE principalmente expressava suas habilidades literárias através de cartas à moda antiga. No entanto, conseguia focar um olhar frio e claro sobre seu assunto.

Em "Os Últimos Dias de St. Muggs," um artigo que escreveu na edição de janeiro/fevereiro de 1991 de *The Idler*, o Sr. MUGGERIDGE escreveu francamente sobre os dias de juventude de seu pai como "um infiel, bebedor inveterado e quase playboy," a senilidade progressiva de seus últimos meses e o resumiu como "uma magnífica e contundente figura de um polêmico católico, com um coração nostálgico, perdoador e gentil."

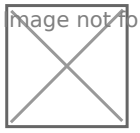
O Sr. MUGGERIDGE também contribuiu regularmente para *Human Life Review*, um periódico sectário que William F. Buckley uma vez elogiou como "o foco da discussão civilizada sobre a questão do aborto." Ele chegou ao periódico por meio de seu pai, que era bom amigo do editor fundador, J.P. McFadden. "Ele trouxe clareza, humor, otimismo, sabedoria, paciência e perseverança," à publicação, disse a editora sênior Faith Abbott, a viúva do fundador.

A esposa do Sr. MUGGERIDGE, Anne, começou a apresentar sinais de demência no início da década de 1990, foi diagnosticada com a doença de Alzheimer e institucionalizada em Toronto há cerca de cinco anos. O Sr. MUGGERIDGE se mudou para Toronto para ficar perto de sua esposa e ia todos os dias alimentá-la no almoço. Sua própria saúde começou a declinar por volta de 2000. Ele sofria de mieloma múltiplo e passou por um exaustivo transplante de medula óssea cerca de três anos atrás. Sobreviveu ao tratamento drástico, mas adoeceu neste outono com um câncer de intestino previamente não diagnosticado que havia metastatizado para seu fígado. Sua vida foi celebrada em uma missa latina na Igreja de São Vicente de Paulo em Toronto na terça-feira.

John MUGGERIDGE nasceu em Croydon, perto de Londres, Inglaterra, em 28 de fevereiro de 1933. Ele morreu em Toronto na sexta-feira, 25 de novembro, devido ao câncer de intestino. Ele tinha 72 anos. Deixa sua esposa Anne, seus filhos John, Charles, Peter e Matthew, sua filha Rosalind, e seu irmão mais velho Leonard.

2.3.1 Recensão de La Cité désolée de Anne Roche Muggeridge por John F. McCarthy

http://www.rtforum.org/lt/lt27.html



ÓRGÃO DO FORUM TEOLOGICO ROMANO

Editor: Monsenhor John F. McCarthy, J.C.D., S.T.D.

Distribuído várias vezes ao ano para membros interessados.

Editor Associado: Rev. Brian W. Harrison, O.S., M.A., S.T.D.

Não deve ser republicado sem permissão.

Por favor, encaminhe toda correspondência para:

www.rtforum.org e-mail: jfm@rtforum.org

Living Tradition, Oblates of Wisdom, P.O. Box 13230, St. Louis, MO 63157, EUA

No. 27

Fórum Teológico Romano | Índice de Artigos | Programa de Estudo

Janeiro de 1990

REAVALIANDO A REFORMA LITÚRGICA Anne Roche Muggeridge, *A Cidade Desolada: Revolução na Igreja Católica*
(Harper and Row: São Francisco, 1986)

analisado por John F. McCarthy

Em *A Cidade Desolada*, Anne Muggeridge se propõe a mostrar que uma revolução anti-católica ocorreu na Igreja e que, desde 1968, vários setores locais e nacionais da Igreja caíram *de fato* nas mãos de revolucionários (92).

UMA AVALIAÇÃO SOMBRIA

Para descrever o desenrolar da revolução, a Sra. Muggeridge utiliza uma estrutura técnica e um vasto repertório de evidências documentais. A estrutura técnica diz respeito a "certas características comuns às revoluções", que são, segundo ela: "uma classe aggraviada, um clima propício à mudança radical, um governo enfraquecido, um incidente desencadeador, uma fase moderada enfatizando a continuidade com a antiga ordem, uma fase radical proclamando uma nova ordem, consolidação e institucionalização *ou* contra-revolução" (49).

A *classe aggraviada* era "aquele grande grupo de teólogos católicos e professores universitários, em sua maior parte sacerdotes e religiosos, a quem a Igreja delegou sua tarefa de instrução na fé" (50). Havia um clima de descontentamento, que não deve ser exagerado, mas que, entre pessoas que "não conseguem sustentar pela oração o esforço de lembrar que estão realmente trabalhando para Cristo, fornece terreno fértil para recrutamentos quando um verdadeiro descontentamento revolucionário se manifesta" (51).

Muggeridge aponta que não havia um *clima geral de mudança* na Igreja quando o Vaticano II começou. De fato, os católicos ortodoxos estavam desolados com as mudanças que ocorreram após o Segundo Concílio Vaticano e tendiam a ver o Concílio como tendo "servido apenas ao propósito de derrubar uma comunidade religiosa próspera e em expansão" (54). O Concílio não era, em si, um evento revolucionário; "ele foi acompanhado por uma revolução que não foi de sua própria criação, uma revolução importada para ele por um grupo descontentes de intelectuais clericais", influenciados pela ideologia do neo-modernismo (55). O Concílio chamou esses intelectuais descontentes para consultas sobre a natureza e o futuro da Igreja e, ao fazê-lo, "sem saber, atuou a favor da revolução assim como o Rei Luís XVI quando convocou os Estados Gerais para sessão no início da Revolução Francesa" (56).

A ideia de que o Segundo Concílio Vaticano foi um concílio 'pastoral', não voltado para a precisão dogmática, permitiu que os inovadores "obtivessem a aprovação de certas formulações com uma tendência moderna", como apontou Edward Schillebeeckx, entre outros. Essa lacuna no pensamento entre 'doutrinário' e 'pastoral' lançou uma sombra sobre os debates do Concílio, que os pensadores tradicionais nunca conseguiram aceitar. A história muitas vezes acaba sendo a propaganda dos vencedores e, infelizmente, "a percepção da mídia sobre o que aconteceu no Concílio se tornou a verdade pós-conciliar". No estágio inicial do Concílio, poucos dos padres conciliares estavam suficientemente cientes dos fatos para levar a sério o aviso do Cardeal Ottaviani de que uma revolução estava sendo desencadeada. "No final do Concílio, com sua inocência perdida", os bispos poderiam pelo menos ter insistido em salvaguardas, mas não o fizeram. As propostas verdadeiramente revolucionárias foram rejeitadas pelo Concílio, mas os inovadores nas comissões de redação redigiram trechos em uma linguagem deliberadamente ambígua, a fim de conquistar amplo apoio conciliar, e os intelectuais descontentes usaram essas expressões ambíguas para promover a revolução após a promulgação dos decretos.

O relato de Muggeridge está repleto de nomes e instâncias ao longo do texto. Ela acredita, com Ralph Wiltgen (*O Reno Flui para o Tibre*), que a mente teológica mais ominosa e influente presente no Concílio foi a de Karl Rahner, a quem o Cardeal Frings chamou de "o maior teólogo do século". O Cardeal Siri (*Getsemani*) acusou Rahner de destruir "por meio de um grande número de proposições habilmente entrelaçadas toda a verdade da doutrina da Encarnação de Jesus Cristo". Os teólogos radicais queriam romper completamente o domínio da autoridade central da Igreja e usaram para isso as simpatias ingênuas que muitos bispos tinham por uma maior ênfase na colegialidade. Um exemplo primário dessa interação é a Constituição do Concílio sobre a Sagrada Liturgia, na qual "poderes novos impressionantes para sobrepor a autoridade central são concedidos às hierarquias locais e nacionais". Elementos tradicionais aparentemente mantidos da liturgia são repetidamente, "por um quase desdém", tornados sujeitos ao julgamento da "autoridade territorial competente". Muggeridge afirma que "essa disposição para o pluralismo litúrgico foi uma ruptura radical com a tradição moderna", porque, desde a época da revolução protestante, a introdução de mudanças tem sido um veículo para a introdução de ideias heréticas na liturgia.

Não houve "fraqueza ou tremor no forte papado de Pio XII", e ainda assim, ao final de seu pontificado, "todo o grande trabalho litúrgico reconstrutivo e explicativo havia sido concluído". Portanto, "a rejeição de sua reforma pelas comissões pós-conciliares e a aceitação, em vez disso, de todas as tendências contra as quais ele havia alertado em *Mediator Dei* deve ser considerada uma enorme tragédia religiosa e cultural". Mas um *governo enfraquecido* surgiu, primeiro sob João XXIII e depois sob Paulo VI. "Ortodoxo na doutrina, liberal na inclinação, indeciso por temperamento, (Paulo VI) foi o papa mais fraco" em um século.

O *incidente motivador* ocorreu no debate sobre contracepção. Bernard Häring e outros persuadiram a maioria da comissão de estudo especial a abandonar todo o argumento da lei natural que sustentava o ensinamento da Igreja sobre os atos matrimoniais. A votação final da comissão foi de 64 a 4 a favor da remoção da proibição da contracepção artificial. Apesar dessa derrota esmagadora da moralidade tradicional em uma comissão nomeada pelos próprios Papas, Paulo VI prosseguiu e publicou *Humanae Vitae* em julho de 1968, na qual declarou: "Nenhum crente desejaria negar que a autoridade de ensino da Igreja é competente para interpretar até mesmo a lei moral natural. Isso é, de fato, indesmentível". Mas, em 1968, a definição de 'crente' de Paulo VI "não se aplicava mais a muitos daqueles que ainda se chamavam 'católicos'", e essa massiva perda de crença "foi uma consequência direta da maneira como a revolução usou a questão da contracepção para reintroduzir o princípio protestante da autoridade na Igreja".

Durante o Concílio, Paulo VI se contentou com uma linguagem ambígua sobre os propósitos do matrimônio na Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno (*Gaudium et Spes*), e após o Concílio, teólogos radicais interpretaram essas palavras como uma desvalorização da procriação a uma posição de igualdade com os valores não procriativos do matrimônio. Eles declararam, inclusive na conferência de imprensa que anunciava oficialmente a publicação de *Humanae Vitae*, que a decisão na encíclica não deveria ser considerada infalível. Charles Curran, em menos de vinte e quatro horas, obteve a aprovação de muitos (ultimamente mais de seiscentos) autodenominados 'teólogos' em dissenso público ao ensinamento de *Humanae Vitae*, e declarou: "Nossa resposta rápida e contundente, apoiada por tantos teólogos, cumpriu seu propósito. No dia seguinte à promulgação da encíclica, católicos americanos puderam ler em seus jornais matinais

sobre seu direito de discordar e o fato de que os católicos podiam, em teoria e na prática, discordar do ensinamento papal e ainda serem leais católicos romanos". Este "esforço rápido, bem organizado e colegial" foi, de fato, uma transição da colegialidade dos bispos para a colegialidade dos teólogos dissidentes e "desde seu golpe anti-*Humanae Vitae* tem sido o governo *de facto*, se não ainda *de iure*, da Igreja em níveis locais e nacionais. Pois, ao ter dividido os bispos de Roma, a revolução prosseguiu com desprezo e facilidade para conquistá-los".

Em 10 de novembro de 1968, quatro mil 'teólogos' revolucionários se reuniram em Washington, D.C., para afirmar o que Richard McCormick chama de "o segundo magistério", e os 'especialistas' se acomodaram para começar a administrar a Igreja como uma espécie de 'hierarquia paralela'. "No Canadá, o magistério hierárquico oficialmente se rendeu. Estabeleceu [pelo Winnipeg Statement] o princípio protestante como a norma que os católicos canadenses poderiam seguir em sua prática de ética sexual".

Anne Muggeridge acredita que o fim da *fase moderada da revolução* coincidia com o fim do Concílio em 1965. A partir de então, tornou-se cada vez mais o papel dos teólogos radicais "preceder e preparar as opiniões do magistério". Especialmente desde a 'Revolução de Julho' de 1968, uma ideologia revolucionária tem a palavra final, "pois, embora o magistério continue a manter e repetir seu ensinamento moral, vê isso em toda parte repudiado e carece ou sente que carece do apoio necessário para uma contraofensiva". Por exemplo, nos Estados Unidos, de acordo com Andrew Greeley, em 1979, apenas dez por cento dos menores de trinta anos concordavam que o Papa é infalível em questões de fé e moral. Como em outras verdadeiras revoluções, em 1968, os símbolos capacitadores da ordem existente da autoridade eclesiástica católica foram "arrastados de sua habitual existência subliminar integrada para a ruidosa praça pública ideológica".

Muggeridge observa que as "bombas-relógio" de expressões ambíguas nos textos do Concílio não poderiam ter sido detonadas (por exemplo, no Canadá) "sem a sanção de empoderamento do grupo dominante de bispos nacionalistas progressistas" (114). Em seu ponto de vista, a característica mais inquietante dos primeiros anos da revolução após o Concílio foi "a reversão dramática e aparentemente repentina de posições ortodoxas confiantes pelas próprias pessoas que haviam ensinado uma obediência a essas posições" (115). Thomas Sheehan, escrevendo em junho de 1984 na *New York Review of Books*, poderia afirmar com justificativa que "o desmantelamento da teologia católica romana tradicional" já era "um *fait accompli*," e que "em quase duas décadas" teólogos e exegeses católicos haviam colocado a mais 'avançada' scholarship bíblica "a serviço de uma reavaliação radical de sua fé." Por outro lado, ele observou, "os estudiosos que continuam a empregar os métodos mais antigos se veem empurrados para as margens do discurso acadêmico" (120-121). O resultado de tudo isso, resume Muggeridge, é que "a dissidência se tornou a ortodoxia," enquanto "a revolução se tornou o governo legítimo em todos os níveis abaixo do papado," e "o Papa é o líder de uma Igreja reduzida apenas" (122).

Esta é a *fase radical da revolução*, proclamando uma nova ordem na Igreja, inicialmente e de forma mais gráfica através do Novo Ordinário da Missa. "Em verdade, ao empoderar os radicais litúrgicos para fazer o seu pior, Paulo VI, consciente ou inconscientemente, empoderou a revolução" e "a reforma que recebemos não foi a realmente pretendida pelo Concílio" (126-127). Muggeridge vê o atual culto público da Igreja Latina como "um ritual institucionalizado de

revolução" (132), com sua mudança de ênfase do sagrado para o secular e sua cosmologia truncada da comunidade humana apenas (127). No nível da prática pessoal, em muitos casos, "um culto literal ao eu agora substituiu o culto a Deus" (141, citando James Hitchcock).

Em 1978, Charles Curran e outros inovadores radicais podiam exclamara: "Embora o ensino oficial não tenha mudado, na verdade a igreja mudou, pois muitas pessoas que agem em contrariedade ao ensino oficial participam plenamente de sua vida" (101). Desde então, vimos "uma consolidação das forças conservadoras em seus bolsões encolhidos de poder; o vigoroso avanço da exegese e teologia liberais em círculos acadêmicos, e a igualmente vigorosa busca do evangelho social onde questões de política e moralidade estão envolvidas" (145, citando Thomas Sheehan). O comportamento de muitos bispos sugere que "eles não operam mais a partir de uma visão de mundo católica coerente" (170). Muggeridge concede que "a revolução tem boas razões para se sentir confiante" porque neste ponto o 'consenso liberal' está "em controle sem contestação nos níveis local e nacional de todos os aspectos da vida católica" (145).

A revolução tem sido uma experiência alienante e depressiva. "Eu percebo com uma tristeza indescritível," ela diz, "que, a menos que ocorra um milagre (e eu não excluo essa possibilidade), sentirei pelo resto da minha vida como uma estranha no culto oficial da Igreja, e que o mundo católico ao qual pertenço está morto" (176). Para o futuro próximo, ela prevê, na melhor das hipóteses, "uma contra-revolução, resultando em uma Igreja Católica muito reduzida" (182).

Muggeridge pensa que o Papa João Paulo II, "por seu entusiasmo missionário mundial pelo ensino fundamental sobre a moral sexual," iniciou oficialmente *a contra-revolução* (102). Assim também foram os pronunciamentos da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a teologia da libertação (160). Ela acredita que o Magistério Romano "iniciou o processo de identificação, isolamento e expulsão pelo qual o modernismo foi controlado no final do século XIX" (162). Ela clama pela reafirmação por todos os bispos de "todo o ensinamento da Igreja sobre a transmissão da vida humana" (173). Mas ela ainda aguarda "alguma ação simbólica dramática de Roma contra o cerne da revolução" (175). O Oratório Canadense fez muito para reconciliar os católicos ortodoxos com a nova Missa, especialmente com a nova Missa em vernáculo. "Sua única Missa dominical em latim e sua Missa regular em inglês e Vésperas provam que a nova liturgia, quando a letra da *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* do Concílio é seguida, pode ser aceitável" (186).

No final das contas, conclui a autora, o modernismo não funcionou. Ele não renovou a Igreja nem tornou o Evangelho mais razoável para o homem moderno. Em vez disso, ele minou a fé de milhões, esvaziou as igrejas e "legitimou dentro da Igreja aquele retrocesso ao comportamento sexual pagão que está ocorrendo na sociedade secular" (189). A contra-revolução começou, mas "aqueles que 'detêm e ensinam a fé católica que nos vem dos Apóstolos' já são um remanescente." A perspectiva, portanto, permanece sombria. "A única coisa boa sobre o futuro é que não há um único momento dele que seja previsível" (193).

RUMO A UM FUTURO RECONCILIADO COM O PASSADO

Osangue Cidade é uma exposição penetrante da angústia que Anne Roche Muggeridge, uma leiga católica, enfrentou como resultado das mudanças efetivadas na Igreja após o Conselho Vaticano II. Sua experiência e documentação dizem respeito especialmente à Igreja no Canadá e nos EUA. No

âmbito das "características comuns às revoluções", ela consegue mostrar de forma convincente que uma revolução de algum tipo ocorreu dentro da Igreja Católica, embora essa revolução não seja abrangente e completa. Ela restringe sua análise a alguns níveis locais e nacionais da Igreja, enfatizando especialmente as áreas de prática litúrgica e ensino doutrinal.

Parece que Anne Muggeridge desenhou um retrato notavelmente negativo da Igreja contemporânea, embora verdadeiro a partir das experiências que vivenciou. Várias áreas locais de atividade católica caíram *de fato* nas mãos de revolucionários, mas o fato permanece que outras áreas não caíram, e a hierarquia permanece, *de iure* e *de fato*, em sua maior parte não revolucionária. Os bispos foram fracos e complacentes diante da revolução, alguns deles se uniram a ela, mas a revolução não conseguiu assumir o controle da Igreja.

O Conselho Vaticano II não concedeu às hierarquias locais e nacionais "poderes novos e chocantes para sobrepor a autoridade central"; o poder de confirmar ou rejeitar foi mantido pela Santa Sé. Mas a Santa Sé confirmou um número surpreendente de iniciativas locais, mesmo que influências derivadas de sistemas de pensamento não católicos estivessem frequentemente presentes no nível local, e muitos problemas sérios surgiram a partir dessas concessões. Da mesma forma, os bispos não foram "divididos de Roma" de forma juridicamente discernível; eles simplesmente foram levados a uma ideia exagerada de sua própria autonomia. Richard McCormick falava com arrogância ao descrever o papel do teólogo como "preparar e anteceder as opiniões do magistério." Embora vários bispos tenham sido certamente enganados por ideias falsas de teólogos, o magistério como um todo foi apenas superficialmente influenciado por elas. "A dissidência se tornou a ortodoxia" em muitos círculos teológicos e pastorais, mas a maioria dos bispos não está dissentindo do ensino do Papa e da Santa Sé.

O Papa Paulo VI não permitiu exatamente que os radicais litúrgicos "fizessem o que quisessem"; ele impediu que o Arcebispo Annibale Bugnini, seu principal responsável litúrgico, realizasse as piores coisas que tinha em mente. Um estudo das memórias do Arcebispo Bugnini (*A Reforma Litúrgica*) revelará que, mesmo durante os anos mais precipitados e imprudentes da reforma, restrições foram impostas às inovações dos radicais, e esse controle deve ser atribuído ao Espírito Santo, atuando na Igreja. Se os resultados da reforma em sua plena manifestação podem, de certa forma, ser vistos como "um ritual institucionalizado de revolução", esse julgamento só é verdadeiro onde as rubricas foram interpretadas de forma revolucionária por ministros individuais ou por comitês litúrgicos locais.

Pode-se dizer que entre os membros conservadores e moderados da hierarquia e em seus arredores pastorais imediatos não há um espírito consciente de revolução contra a autoridade central do Papa ou contra os essenciais da tradição católica. O que ocorreu, na verdade, foi uma política de permissividade, pela qual em níveis inferiores muitos em autoridade pastoral, muitos em autoridade acadêmica, muitos obrigados pelo seu estado de consagração a dar um bom e edificante exemplo, foram autorizados a se engajar em um testemunho revolucionário que escandaliza os bons, trazendo tristeza e perplexidade sobre eles. Na experiência de Anne Muggeridge, tais pessoas agora estão na maioria. Em amplas áreas, ela provavelmente está certa, e nessas áreas "a revolução se tornou o governo legítimo".

Eu já estava ciente de um certo clima de rebeldia contra a Tradição que já existia em alguns círculos acadêmicos católicos antes do início do Conselho Vaticano II. Isso era mais evidente entre os críticos de forma e entre aqueles teólogos não escolásticos que estavam ansiosos para trazer os "insights do mundo moderno" para a atmosfera claustral da Igreja. Alguns já haviam abraçado um pluralismo radical de pensamento, pelo qual seu pensamento se tornara apenas parcialmente católico e, em alguns casos, somente residual. Outros estavam dispostos a seguir o mesmo caminho de forma ingênua. O método de pensamento deles era um processo de "desfolhar a rosa" para chegar à 'essência' da crença e prática, da tradição e do propósito da existência. Esse era o método do humanismo existencial plenamente explorado nos escritos do apóstata católico Martin Heidegger e levado a sua conclusão lógica pelo teólogo protestante liberal Rudolf Bultmann.

O clima de muitos bispos no Conselho favoreceu esses revolucionários. O caráter 'pastoral' do Conselho significou para muitos bispos que eles não estavam lá principalmente para ponderar e valorizar valores perenes, mas sim, enquanto preservavam a 'essência' desses valores, para abrir a porta a novos insights e sentimentos modernos. Eles não pensaram que uma revolução poderia ser desencadeada enquanto os 'essenciais' fossem mantidos; não acreditavam que a linguagem ambígua pudesse causar muito dano enquanto o verdadeiro significado das palavras ainda estivesse presente por baixo. Eles realmente queriam iniciar algo novo, e não estavam dispostos a se preocupar muito sobre o que as novas direções poderiam causar à tradição - especialmente ao que era 'essencial' na tradição. Havia neles o entusiasmo de um novo começo, de uma emergência do gueto do passado, e eles levaram pouco tempo para escrutinar a natureza da porta que estava sendo aberta ou do caminho que levava além dela. Durante todo o curso do Conselho, apenas uma minoria dos bispos percebeu a metodologia de Heidegger e Bultmann ou seus objetivos finais.

Acredito que Anne Muggeridge está basicamente correta ao afirmar (66) que "os teólogos radicais queriam quebrar ainda mais a autoridade central do que os bispos, e colaboraram de todo o coração na busca episcopal pela colegialidade." Mas não creio que os bispos tenham tido qualquer intenção clara de "quebrar" a autoridade da Santa Sé. Era a ideologia do existencialismo por trás das novas ideias teológicas que buscava reduzir o Papa a um mero figurante, enquanto teólogos e bispos eram apenas seus instrumentos semi-conscientes. A ideologia em si era produto de mentes que estavam maioritariamente fora do Conselho, e sua influência mortal foi diluída na assembleia como um todo. Seus efeitos são visíveis na linguagem ambígua dos decretos e na falha em estabelecer limites definitivos sobre as mudanças que afetam a doutrina e a prática na Igreja. Foi o desejo de *enfraquecer* o exercício do Papado que estava disseminado entre os bispos, e Muggeridge constata que esse objetivo foi alcançado.

A Sra. Muggeridge vê a nova ênfase no "pluralismo litúrgico" como o principal veículo para introduzir a heterodoxia na Igreja. O ritual implica uniformidade, e não há dúvida de que as exigências por liberdade de escolha na liturgia, em detrimento das fórmulas milenares, tinham motivações que excediam a mera violação do bom senso. Era claro para o Papa Paulo VI que a reforma da Missa de Papa Pio V teria que permanecer um mero ajuste de um rito substancialmente duradouro. A impressão agora comum entre os fiéis em muitos lugares de que as celebrações da nova Missa não são mais o mesmo rito que o de Pio V constitui, para aqueles que percebem o que está em jogo, uma ocasião de medo de que a reforma da Missa tenha ultrapassado seus limites naturais e possa, portanto, não sobreviver a longo prazo.

Muggeridge sustenta categoricamente a validade da nova liturgia "quando é celebrada de acordo com a mentalidade da Igreja," e ela mesma assiste à nova Missa, sabendo por experiência que "a presença exige uma luta constante para manter a visão de mundo católica diante da expressão litúrgica atual dela" (135). O que ela se opõe é à celebração da Missa segundo uma perspectiva de humanismo existencial que ela chama de "neo-modernismo." O Missal de Paulo VI de 1970 já apresenta mudanças extensas além do que é vislumbrado na Constituição do Conselho sobre a Sagrada Liturgia, mas o que particularmente incomoda católicos como Anne Muggeridge é o processo de mudanças contínuas que o novo Missal sugere, ou pelo menos sugeriu a aqueles encarregados de sua implementação. Esse processo está seguindo em uma direção, e, no entanto, o objetivo final não está definido, nem são estabelecidos limites absolutos.

A nova Missa permanece substancialmente a mesma que a antiga, desde que seja celebrada *no mesmo espírito* e com o uso de opções tradicionais. Na experiência de Anne Muggeridge, não apenas as opções tradicionais não eram utilizadas, mas o próprio desejo por elas era visto por alguns padres como ignorantemente retrocedente. Eles consideravam que a introdução de cada vez mais mudanças fazia parte da reforma de Paulo VI. As formulações e rubricas de seu novo Missal não eram vistas como formulações destinadas a permanecer inalteradas por décadas e séculos, mas sim como o ponto de partida para uma nova mentalidade litúrgica, focada principalmente nas inovações já produzidas e nas próximas a serem realizadas. Pessoas como Anne Muggeridge não conseguem conciliar essa nova mentalidade com a visão mais antiga de que a Missa é essencialmente um rito imutável. E elas ficaram chocadas ao encontrar uma atitude de hostilidade aberta em relação a práticas litúrgicas e devocionais que, até alguns anos atrás, eram universalmente reconhecidas como expressões autênticas do culto católico. Muggeridge acredita que essa hostilidade não provém do Espírito Santo, mas do espírito deste mundo, que é essencialmente anticatólico. O que, na visão dela, tomou o lugar do sacrifício imutável da Missa é a autoconsciência emergente da comunidade orante de que "eles são a Igreja" de uma maneira cada vez mais humanística e existencial.

Do ponto de vista progressista, o problema de Anne Muggeridge não existe objetivamente: nenhuma revolução ocorreu, nenhuma ideologia alienígena entrou em vigor, fracassos e abusos não foram causados pelas novas políticas em vigor, não há declínio espiritual decorrente da reforma, não há perigos nas próximas mudanças que estão sendo contempladas. Mas a angústia do coração não pode ser negada, e a hostilidade, desprezo ou simples entretenimento com que essa angústia é recebida pelos eclesiásticos 'mainstream' deve levá-los a refletir. Por que há tão pouca simpatia pelo que era especificamente católico até poucos anos atrás? Muitos buscam atribuir essa hostilidade ao "espírito do Vaticano II", e havia tal espírito presente em alguns bispos francos que participaram do Concílio, mas outros veem isso como derivado de um egotismo descontrolado que caiu na armadilha do humanismo existencial. A nova hostilidade em relação ao culto católico tradicional pode ser, na análise final, um sentimento anticatólico.

O novo pluralismo fez parecer que muitos em autoridade pastoral não estão mais operando "a partir de uma visão de mundo católica coerente". Qualquer tal coerência é considerada "integrismo." E assim ocorre o vigoroso avanço da exegese e teologia liberais, bem como a recusa de se opor a isso por coerência com a tradição católica. Os professores mais rebeldes e anticatólicos são ocasionalmente disciplinados, mas o consenso liberal permanece em controle sem contestação. Os defensores do catolicismo ortodoxo são frequentemente tolerados pela

hierarquia, mas raramente ajudam.

As esperanças de Anne Muggeridge, em 1986, por "alguma medida dramática de Roma contra o cerne da revolução" parecem não ter se concretizado, embora movimentos mais recentes contra correntes como a "teologia da libertação" tenham sido significativos, e o motu proprio *Ecclesia Dei* de 2 de julho de 1988, convocando a compreensão, especialmente por parte dos bispos, das "aspirações legítimas" de "todos os fiéis católicos que se sentem ligados a algumas formas litúrgicas e disciplinares anteriores da tradição latina" pode ser verdadeiramente descrito como a magna carta da crença e prática tradicional na Igreja. Este documento do Papa João Paulo II veio em um momento de preocupação de que o cisma do Arcebispo Lefebvre não recebesse as condições para crescer, mas o tom do documento é impressionante. Muitos, no entanto, o viram como aplicável apenas àqueles que primeiro entram em cisma e depois buscam reconciliação com a Igreja de Roma, e não àqueles que resistiram pacientemente à tentação de se afastar da autoridade visível da Igreja. Espero e rezo para que as condições em que o cisma poderia crescer sejam mitigadas por ação pastoral oportuna e que aqueles que têm um apego devocional às formas litúrgicas e disciplinares mais antigas aceitem a cruz de permanecer obedientes a seus pastores legítimos enquanto a Igreja lentamente avança para fornecer cuidados pastorais adequados para eles.

Anne Muggeridge suportou essa cruz, e seu livro é uma expressão eloquente de uma espiritualidade profundamente tradicional que nunca desapareceria na Igreja. Outros livros similares ao dela foram publicados nas últimas décadas, cronicando as experiências de católicos tradicionais em uma medida nunca antes alcançada. Esses católicos têm encontrado comunidade entre si dentro dos limites permitidos pela lei. Suas "aspirações legítimas" começaram a receber reconhecimento estrutural e cultural da Santa Sé e de muitos ordinaries locais, especialmente na disponibilidade de celebrações da Missa de acordo com o Missal de 1962. Novas inovações na prática litúrgica contemporânea ampliarão a lacuna existente agora, ou o uso de opções tradicionais tenderá para a reconciliação com o passado? Mãos liberais estão prontas para desprender a pétala do altar masculino da rosa da prática litúrgica, com o argumento de que a exclusão das mulheres é 'não essencial.' Abaixo estão as pétalas do diaconato masculino e do sacerdócio masculino. Teólogos radicais já prepararam a opinião de que essas duas pétalas estão apenas na superfície e não dizem respeito à 'essência' do culto católico, especialmente em uma Igreja que está se tornando cada vez mais consciente de si mesma como uma comunidade que adora. Então, há católicos tradicionais obedientes como Anne Muggeridge, que sofrem porque não conseguem participar dessa mentalidade. E há aqueles que não têm a paciência e a prudência de Anne Muggeridge.

2.3.2 Resenha da Cidade Desolada por Ratzinger na revista Communio

Ratzinger escreveu uma resenha de seu livro na revista Communio

http://www.communio-icr.com/ratzinger.html

"Discursos do Cardeal Frings Durante o Segundo Concílio Vaticano: A Propósito de *A Cidade Desolada* de A. Muggeridge." 15, n.º 1 (1988): 131-47 NC.

2.3.3 Anne Roche Muggeridge recomenda reverter os altares

http://www.adoremus.org/1199-Kocik.html

Em seu livro *A Cidade Desolada,* Anne Roche Muggeridge oferece esta proposta contundente:

Se um anjo me permitisse uma sugestão sobre o que mais rapidamente restauraria o sentido do sagrado na Missa, seria acabar com a Missa voltada para o povo. Estou convencida de que a posição do sacerdote no altar é o único símbolo litúrgico "externo" mais importante, aquele que carrega o maior peso doutrinário. Colocar o sacerdote de volta do nosso lado do altar, voltado conosco para Deus, restauraria de uma só vez a Missa de um exercício de relacionamento interpessoal para a oração universal da Igreja a Deus nosso Pai. Com o sacerdote voltado para Deus novamente como líder do povo, a importância do microfone diminuirá, e o sacerdote poderá parar de fazer caras para nós. Ele e nós podemos voltar a pensar apenas no que está acontecendo no Mistério. (Anne Roche Muggeridge, *A Cidade Desolada: Revolução na Igreja Católica,* ed. rev. São Francisco: Harper & Row, 1990, pp. 176-77.)

Relações de Dom Williamson e Malcolm Muggeridge

2.4.1 Passagens biográficas da vida de Dom Williamson sobre Malcolm Muggeridge

Completando as honras ao clero hoje, apresentamos, em ordem alfabética, o **Troféu Torre de Trent** ao **Bispo Richard Williamson**, que foi Reitor de Seminaristas por 21 anos e lecionou por quase 40 anos. Assim como **Bispo Bernard Fellay**, que homenageamos na última terça-feira, o Bispo Williamson foi consagrado bispo por **Arcebispo Marcel Lefebvre** na consagração histórica de 29 de junho de 1988, que, para os modernistas, foi a gota d'água que quebrou o *sensus Protestantius* do camelo progressista. Como todos sabemos, o Arcebispo Lefebvre e os quatro que ele elevou à episcopado foram sumariamente e ilegalmente excomungados sem o devido processo canônico. Foi uma tática de intimidação que os liberais da Nova Ordem planejaram por mais de 15 anos. Como vimos desde 1988, a determinação desses quatro recém-ordenados se fortaleceu, especialmente na Brit de Deus com seu maravilhoso intelecto.

Richard Williamson nasceu em uma família anglicana na Inglaterra em 8 de março de 1940. Embora não tivesse consciência disso na época, ele nasceu literalmente à sombra da festa do Doutor angélico **São Tomás de Aquino** em 7 de março, que viria a desempenhar um papel tão importante em sua vida. Sua infância foi passada sendo levado a abrigos antiaéreos quando as sirenes de ataque aéreo soavam para alertar os ingleses sobre a aproximação de aviões nazistas da Luftwaffe. Sobrevivendo à guerra e aos bombardeios, ele se tornou um jovem forte que se matriculou na grande e prestigiosa Universidade de Cambridge, onde obteve seu diploma em Literatura. Pouco se sabe sobre sua vida nos primeiros anos, mas após a faculdade ele começou a lecionar Literatura em Gana, na África. **Durante esse período, ele foi grandemente influenciado pelo indomável Malcolm Muggeridge, e muitos acreditam que isso despertou sua conversão ao catolicismo. O Bispo Williamson escreveu em agosto passado: "Posso lembrar que Malcolm Muggeridge dizia que, justo quando o mundo moderno havia se provado um fracasso total após a Segunda Guerra Mundial, e justo quando a Igreja Católica poderia e deveria ter aceitado a rendição incondicional do mundo à sua Verdade, nesse momento os próprios clérigos católicos se renderam no Concílio Vaticano II, e se entregaram a esses princípios modernos que são a dissolução do catolicismo."** Sua busca pela verdade o levou a um velho padre irlandês que, como Deus

assim quis, teve uma grande influência na conversão de um amadurecido Richard e possivelmente o guiou para Econe, pois o padre da velha terra percebeu que a Igreja havia embarcado em um caminho fatídico ao seguir o Vaticano II.

O caminho de Richard o levou à Suíça e ao Seminário em Econe. É muito interessante para este editor que o Seminário em Econe foi estabelecido no mesmo ano - 1970 - em que muitos seminários no mundo estavam fechando - incluindo o colégio jesuíta em St. Mary's, Kansas e, a cerca de 250 milhas ao sudeste, o muito ortodoxo seminário católico dos Oblatos de Maria Imaculada, que frequentei de 1957 a 1963, em Carthage, Missouri. Foi fechado devido à falta de vocações, quando, durante meu tempo lá, as vocações estavam florescendo. Que triste ver esses campos de sementes de vocações sacerdotais sendo abandonados. Para alguns, aquilo que foi descartado pode ser tesouros, e foi isso que o Arcebispo Lefebvre encontrou em Econe. Outro tesouro, embora o Arcebispo pode não ter sabido disso na época, era Richard Williamson, que o Arcebispo precisou recrutar para o corpo docente a fim de ensinar seus colegas seminaristas em 1976, quando pressões indevidas e ilegais de Roma moderna - começando pelo Secretário de Estado **Cardeal Jean Villot** - afastaram muitos dos professores ordenados. O Arcebispo Lefebvre recrutou aqueles que podiam ensinar, e não havia ninguém melhor em literatura do que Richard Williamson. Sua maturidade e domínio na condução dos alunos impressionaram muito o Arcebispo, tanto que, após sua ordenação ao sacerdócio em 1982, ele foi enviado para lecionar no Seminário da Sociedade em Zaitzkofen, na Alemanha - Seminário Internacional do Sagrado Coração, que havia sido transferido de Weissbad em 1978.

Ele ficou lá por apenas um curto período antes de ser transferido para o Seminário São Tomás de Aquino em Ridgefield, Connecticut, em 1983. Ridgefield era o Seminário americano da Sociedade, que havia começado em Armada, Michigan e se mudado para Ridgefield em 1979. Logo após sua chegada, com a bênção do Arcebispo, o novo Vigário Geral **Padre Franz Schmidberger** nomeou o Padre Williamson como Reitor do Seminário São Tomás de Aquino.

Pouco sabia Richard que ficaria afiliado ao Seminário São Tomás de Aquino pelos próximos vinte anos. O seminário continuou a crescer, com 19 novos aspirantes se matriculando em 1987. No meio do ano, o seminário já havia se tornado pequeno demais, e a Providência forneceu a resposta ao direcionar a Sociedade para uma propriedade vazia pertencente aos dominicanos, acima das margens do rio Mississippi, em Winona, Minnesota, no Stockton Hill. Com alguns reparos e a Providência de Deus, a Sociedade conseguiu se mudar de Ridgefield para estabelecer-se no novo São Tomás de Aquino, em uma extensa propriedade com uma magnífica capela de mármore no sudeste de Minnesota. Assim como Armada não foi abandonada, mas transformada em um noviciado, Ridgefield também não foi fechado. Em vez disso, tornou-se uma casa de retiros, enquanto o seminário americano agora estava totalmente sediado no coração do meio-oeste.

Em 1988, o Padre Williamson foi escolhido entre outros três para ser elevado ao episcopado, e essa honrosa distinção foi concedida em 29 de junho de 1988 por Sua Excelência, o Arcebispo Lefebvre. Como mencionamos em nossa homenagem a Sua Graça, encorajamos você a ler a excelente série de doze partes sobre as ordenações listadas nos arquivos em As Ordenações Episcopais Ilícitas do Arcebispo Marcel Lefebvre.

Em verdadeira fashion de pastor, ele foi enviado em viagens de Confirmação de volta à sua terra natal, a Inglaterra, e depois à Irlanda, antes de seguir para a África do Sul, Zimbábue e então a longa jornada até a Oceania, com visitas na Nova Zelândia, Austrália e finalizando no Havai. Em 1993, ele dedicou a bela igreja de São Pio X em Cincinnati, Ohio, e um ano depois, recebeu em Winona a Conferência Anual de Sacerdotes, onde 41 sacerdotes da SSPX se reuniram no Stockton Hill. Além de atribuições especiais de natureza missionária, o Bispo Williamson passou a maior parte do tempo como Reitor do seminário em Minnesota, onde esteve até o outono passado, quando foi nomeado o novo Reitor do Seminário Nossa Senhora Co-Redentora em La Reja, Argentina, que foi construído em 1981 para seminaristas sul-americanos. Ele foi substituído pelo **Pai Albert Le Roux**, que ele ordenou em 1990, conforme ilustrado aqui.

Enquanto ele era um cultivador de almas como o jardineiro da colheita, também percebeu a necessidade de eliminar aqueles que poderiam enfraquecer o solo. Tal foi a situação em 1997, quando ele expeliu **Padre Carlos Urrutigoity** e dois seminaristas do Seminário São Tomás de Aquino. Eles subsequentemente se refugiaram na diocese problemática de Scranton, acolhidos pelo indiscriminado **Bispo Timlin**, que ignorou os avisos dos Bispos Williamson e Fellay. Agora, o sucessor de Timlin em Scranton está colhendo os amargos frutos de processos judiciais por abuso sexual movidos contra sacerdotes da Sociedade de São João, que o rebelde Urrutigoity formou quando não conseguiu atender às expectativas sob a vigilante e cuidadosa supervisão de Williamson. Graças a Deus, o Bispo era um bom jardineiro e um dos sinais da SSPX é guardar cuidadosamente não apenas o Sagrado Depósito da Fé, mas também as virtudes da castidade e da modéstia.

Para agradecer aos benfeitores e mantê-los informados sobre as situações, o Bispo Williamson começou uma carta mensal que logo se tornou leitura obrigatória para todos. Com o advento da internet, tornou-se muito popular e nós a pegamos em 2001, publicando o máximo que pudemos. Era uma oportunidade de encontrar algum sentido e senso católico na loucura que vinha de Roma, e o Bispo Williamson nunca hesitou em enfrentar a controvérsia de dizer as coisas como elas são. Ele não tinha problemas em afirmar que existem liberais bons e liberais ruins, mas um fato permanece: ambos são liberais. Essa mensagem ficou clara em suas cartas e, em sua última carta aos benfeitores em agosto, ele escreveu:

" Muitos de vocês, abençoados, têm perguntado se, na véspera de minha partida dos Estados Unidos, planejo ainda escrever uma carta mensal. Se eu o fizer, certamente não será esta carta, que pertence ao Seminário e, portanto, irá para o novo Reitor do Seminário, que fará o que desejar. Também não deveria ninguém interferir com um sucessor em um cargo de comando 'permanecendo por perto'. Nem qualquer carta escrita para um público argentino seria exatamente a mesma. Mas o tempo pode fazer com que eu pegue a caneta novamente - eu poderia até ser levado para a Internet! Mas não de bom grado!"

Que possamos rezar para que um dia ele encontre seu caminho de volta à web, pois seus escritos são profundamente sentidos. Apesar de seu humor, ele sempre teve um método em sua loucura ao alertar os fiéis sobre a loucura que vai por parte dos modernistas em Roma e, até mesmo em sua coluna de despedida, **Persevere na Verdade**, ele escreveu:

"Enquanto isso, anexado você tem o poema de despedida prometido. O Irmão Marcel fez as caricaturas. Espero que ele e elas sugiram o quanto eu aproveitei meus 21 anos nos Estados Unidos, e agradeço a todos vocês pelo apoio e amizade. Quando chegar à Argentina, precisarei de uma operação cardíaca - o buraco deixado por todos vocês! Entretanto, para que o poema leve qualquer pessoa a pensar que desta vez eu realmente perdi a razão, deixem-me esboçar mais uma vez o sério perigo representado pela Roma de hoje."

Ele terminou sua última carta com um poema espirituoso que resume muito mais do que podemos escrever aqui, e o incluímos novamente junto com as caricaturas do **Irmão Marcel** de Winona que o mostram saindo descalço com sua bolsa britânica em direção a La Reja. A outra ilustração é de um Williamson chorando, que diz: "Não chore por mim, Argentina, pois a terra de Evita nunca mais será a mesma!" Por isso, dizemos que o Bispo Williamson formará sacerdotes santos na América do Sul, agora a Argentina e toda a Cristandade estarão melhores por isso.

A seguir está o poema que Sua Excelência escreveu em sua despedida.

Então, queridos amigos, após vinte e um anos
Deixo os Estados Unidos, com muitas lágrimas.
Aos sessenta e três, dei o que pude dar,
É hora de ceder meu lugar a um homem mais jovem.
Quando cheguei aqui, vim com o coração pesado,
E agora, com igual tristeza, parto.
Pois quando vim, eu não queria sair
De onde estive antes. Então, agora, lamento.
Deixar o cenário de um terço da minha vida,
Carregado com o trabalho sacerdotal e uma luta feliz.
Mas lembro claramente, quando cheguei,
A três companheiros no avião
Disse: "Eu me divertirei nos EUA!"
E isso se provou verdadeiro. Então, agora meu tempo acabou,
Eu poderia esperar a mesma diversão onde vou,
Exceto - a América é única, e assim
O lado divertido da minha carreira deve terminar,
Enquanto vou em direção a uma terra mais séria.
Meus amigos podem derramar uma lágrima, mas não meus inimigos
Que pensam que minha partida finaliza suas aflições.
Mas que não se regozijem! "EU VOLTAREI"
Como Bispo, para ordenar e confirmar!
Então, se os liberais ousarem se levantar novamente
Eu trovejarei, rosnarei e atacarei com todas as minhas forças!
Agora não me falem de mulheres se tornando S-L-A-C-K,
Ou instantaneamente estarei de volta!!
E se elas estiverem S-L-A-C-K-I-N-G quando eu estiver morto,
Meu fantasma virá assombrá-las, feroz e temido!

Enquanto isso, queridas damas e meninas dos EUA, que Deus as abençoe
Por serem tão dóceis com seus trajes femininos!
Nunca os homens precisaram tanto de mulheres verdadeiras!
Na Europa, eles poderiam aprender uma coisa ou outra
Com as garotas yankees, elegantemente vestidas!
Muito bem! - por seus próprios filhos vocês serão abençoadas
Que aprendem o que é uma mãe - NÃO UM HOMEM!
Infelizmente, é difícil fazer um plano
Para futuras newsletters. Elas dificilmente se encaixam
Em países carentes da velha... sagacidade yankee!
Mas confiem que eu os apoio de longe.
Homens, sejam bons pais. No lar, vocês são
Por desígnio de Deus a cabeça. Não se deixem abater!
Não são apenas as mulheres que devem ser devotas!
Estejam cheios de Deus e liderem contra o mundo -
Por homens católicos, o Diabo deve ser lançado
De volta ao inferno! Orem firme! A dor está a caminho
Com gritos e lamentos de tristeza, nem é aquele dia
Longe. Então, cingam os quadris, sejam fortes, mantenham-se altos -
O amanhã não tem espaço para espíritos pequenos.
Fujam da eletrônica. Fiquem com a vida real.
Dediquem tempo, amor e atenção à sua esposa.
Esqueçam "A Noviça Rebelde", coisas bobas
Sobre as quais o mundo já teve mais do que o suficiente.
Assim termina a última newsletter que escreverei.
Em breve, deverei voar para o sul, longe na noite.
Ah, meus queridos amigos! - Sinto que posso chorar!
ATÉ LOGO! ADEUS! AUF WIEDERSEHEN! ADEUS!

Embora não esteja na internet, ele pode não receber essa homenagem a menos que alguém lhe escreva ou quando voltar a Winona em junho para ordinar os quatro novos padres. Mas não é importante que ele a veja, mas que outros a vejam e, em oração, agradeçam por homens como o Bispo Richard Williamson, enquanto o celebramos no Hall da Honra da Torre de Trent na festa de seu conterrâneo santo, o primeiro Arcebispo de Canterbury **São Agostinho de Canterbury**, e lhe apresentamos o Troféu da Torre de Trent e declaramos este dia **Dia do Bispo Richard Williamson** em toda a Cristandade.

2.4.2 Oração fúnebre de Monsenhor Williamson pela morte de Malcolm Muggeridge

Malcolm Muggeridge

Apreciação do Bispo Richard Williamson:

"Assim, Malcolm Muggeridge faleceu, com a venerável idade de 87 anos. Ele foi um famoso jornalista e locutor no mundo de fala inglesa, mas especialmente em seu próprio país, a Inglaterra, e em seus últimos anos se converteu ao catolicismo. Incontáveis almas que buscam a Deus devem muito a ele. Eu fui uma delas. Querido Malcolm! - '*Que Deus o descanse, a todos que ele ofendeu.*'

"Quando retornei à Inglaterra em 1965, após dois anos na África, e, como mestre escolar em Londres, encontrei os alunos, assim como seu país, devastados por, especialmente, quatro mop-heads indignos conhecidos como os Beatles. Procurei por uma voz de sanidade, ou um representante de valor, e destacando-se em sua condenação articulada, engraçada, mas implacável de nosso século XX sem valor, sem deixar-lhe chance de apelo, estava Malcolm Muggeridge.

"Com cláusulas bem elaboradas e astúcia alegre, seus artigos que eu lia atacavam os falsos deuses do Liberalismo, e sem misericórdia ou malícia os despedaçava. Os pobres liberais acusavam Malcolm de ser 'negativo', de ser 'destrutivo' - você sabe toda a linha bobinha! - mas para quem tivesse olhos para ver ou ouvidos para ouvir, havia mais nele do que isso. Em primeiro lugar, alguém que não tem nada a dizer geralmente não se preocupa com estilo ou técnica para dizê-lo, mas Malcolm sempre teve estilo e era um artesão da língua inglesa.

"E então, em segundo lugar, por trás de toda a zombaria travessa e iconoclasmo, havia uma sensação coerente de que havia alguns **valores reais** pelos quais todos os poltrões fingidos que os traíram estavam condenados. Assim, embora ele não fosse católico na época, nem mesmo, pelo que me lembro, professasse ser cristão, atraía um grande número de crentes implícitos e explícitos que não tinham mais ninguém para defender suas mentes e almas contra a grande mentira do Liberalismo, com a qual seus líderes oficiais estavam, de um modo ou de outro, concordando.

"Então, um dia, peguei uma bicicleta e fui até sua casa em Robertsbridge, Sussex, para visitá-lo. Não me lembro se anunciei minha visita (completamente sem importância) com antecedência ou não. De qualquer forma, ele e sua esposa Kitty me receberam com muita cordialidade, me sentaram para o almoço, e conversamos, e ele ouviu, e essencialmente entendeu tudo que 'meu querido garoto' tinha a dizer sobre os males de ensinar a juventude abandonada em Londres, na metade do século XX.

"Tenho boas lembranças de talvez meia dúzia de tais visitas a Malcolm e Kitty ao longo dos anos seguintes. De forma alguma estou me gabando de que eu era um amigo especial deles, apenas que Malcolm foi um bom amigo para mim, um amigo em necessidade, como não tenho dúvida de que foi para centenas, talvez milhares, de derelictos espirituais do século XX que, assim como eu, fizeram a peregrinação até o Sábio de Park Cottage.

"Quão bom é Deus! Penso que se Malcolm tivesse sido um católico plenamente reconhecido na época, eu talvez não tivesse me aproximado dele. Como estava, com sua mente afiada e independente que havia penetrado no esquerdismo e saído do outro lado, com sua total recusa em acreditar nas ilusões do século XX, e com sua sabedoria e bondade manifestadas em seu ouvido atento e calorosa hospitalidade, ele me ajudou muito até o momento em que deixei Londres e fui à

frente dele para a Igreja Católica.

"*Ah, meu querido garoto, agora você é um membro pleno e portador de cartão,*" foi sua saudação a mim quando o visitei novamente no sul da França, como se eu tivesse feito algo como me juntar ao Partido Comunista! Mas posso me lembrar de como fui com eles a uma Missa local, algo que ele me disse que ele e Kitty faziam todos os dias, e como eles se sentaram no fundo... Malcolm disse que a mera ideia de receber a Comunhão era algo ainda alheio a ele... ainda assim a reverência com que ele assistiu à Missa, como descrever? Este homem de cabelos brancos recuado para o fundo da igreja escura, com sua companheira de vida ao seu lado e com anos de vida e batalhas vividas atrás dele, várias décadas de luta e questionamento, tudo lançado em homenagem silenciosa diante do grande Mistério no qual ele pressentia, mas ainda não podia discernir, a Resposta... E então emergíamos para a luz do dia, e o século XX recomeçava com café e café da manhã e conversas informais.

"Assim, não foi uma grande surpresa quando, talvez dez anos depois, ele e Kitty entraram na Igreja. ***Deo gratias.*** No entanto, leitores católicos de seus vários livros autobiográficos podem se surpreender, por exemplo, com sua escolha de heróis não católicos, com exceções como, é claro, o grande Santo Agostinho, que ele amava. Lamentavelmente, nunca mais encontrei Malcolm depois que ele se tornou católico, então não posso ter certeza de como ele evoluiu, mas suspeito que ele entrou na Igreja pelo coração, atraído especialmente pelo exemplo e pelo contato com a Madre Teresa de Calcutá, enquanto uma certa parte de sua razão permaneceu do lado de fora, com os existencialistas e seus progenitores. Mas que esses leitores fiquem assegurados de que uma grande parte da cabeça de Malcolm *era* católica - quantos reitores católicos de uma universidade prestigiosa desistiriam, como ele fez, anos antes de se tornar católico, em protesto à disponibilidade de contraceptivos no campus? Ele acreditava sinceramente em muito do que muitos 'católicos' haviam simplesmente abandonado. De qualquer forma, ele foi um farol na escuridão para muitos dos vagabundos espirituais do nosso tempo, como eu. Querido Malcolm, obrigado e adeus! Leitores, rezem por Malcolm e pela Kitty que ele deixou para trás:

"*Terra, não pressione duro sobre esses ossos*

de Malcolm, o que odeia hipocrisia,

Para subir, eles estão muito cansados agora

E nada os impedirá depois."

- Richard Williamson. 1.12.90

Especialmente recomendado: - Um Testemunho do Século XX

Leituras adicionais: - Conversas à Beira da Lareira (Angelus Press)

Por Kitty Muggeridge **-** Olhando para a Verdade

Kitty e Malcolm foram recebidos juntos na Igreja Católica e ambos tinham ampla experiência em escrita, reportando de todo o mundo e aparecendo na televisão e nos principais jornais. "*Desde o*

início da minha vida", ele escreveu uma vez, "*nunca duvidei que as palavras eram meu 'metier'. Não havia nada mais que eu quisesse fazer a não ser usá-las; nenhuma outra realização ou conquista que eu tivesse a menor consideração ou desejo de emular. Sempre amei palavras e ainda as amo, por sua própria sake. Pelo poder e beleza delas; pelas coisas maravilhosas que podem ser feitas com elas.*" Em uma conferência dada no salão de Westminster, o Sr. Muggeridge comparou sua própria vilificação pela mídia liberal ao tratamento semelhante de certos setores em relação ao Arcebispo Lefebvre. Duas citações suas em particular são memoráveis, ambas dos dias antes de sua conversão final e recepção na Uma Verdadeira Fé: "*Enquanto os não católicos nunca foram deixados em dúvida sobre a singularidade e a autoridade do catolicismo romano, o atual delírio ecumênico dá a impressão distinta de que as denominações cristãs estão indiferentemente se atropelando, como tantos bêbados se apoiando uns aos outros... para não tropeçar no caminho que estão cambaleando em direção a casa,*" e "*Exceto mostrar Shakespeare em Stratford-upon-Avon, eu realmente adoraria mostrar Jesus Cristo ao redor do Vaticano.*"

Ele e sua esposa são lembrados por europeus orientais gratos como os primeiros jornalistas a explodir o mito do *paraiso operário* soviético de Stalin na primeira metade deste século e a alertar a atenção mundial sobre a situação de milhões que morreram de fome sob o Plano Quinquenal. Malcolm *falecer* antes de sua esposa por quatro anos. Que suas almas e as almas de todos os fiéis defuntos, pela misericórdia de Deus, descansem em paz.

"*O Aquário de Peixes Dourados*"; este Perfil é o texto de uma conferência em Belfast e Dublin dada (1984) pelo biógrafo do Arcebispo M. Lefebvre, autor e apologista Michael Davies. Este galês, que possui um Diploma de Honra da Universidade de Londres e um diploma de ensino do St. Mary's College, Twickenham, tem sido professor nos últimos vinte e cinco anos em escolas católicas.

Além disso, ele escreveu muitos artigos para periódicos católicos em todo o mundo de língua inglesa e é autor de vários panfletos de sucesso. Por fim, ele escreveu alguns livros de maior extensão, como *Apologia Pro Marcel Lefebvre*, que agora se desdobra em vários volumes, a série de três volumes sobre Revolução Litúrgica, e uma esplêndida narrativa da luta de São Pio X contra os modernistas do século passado - e as lições para nós hoje - intitulada *Partidários do Erro*. Seu trabalho foi traduzido para muitas línguas, sem excluir o galês, é claro...

Fotocopie e difunda